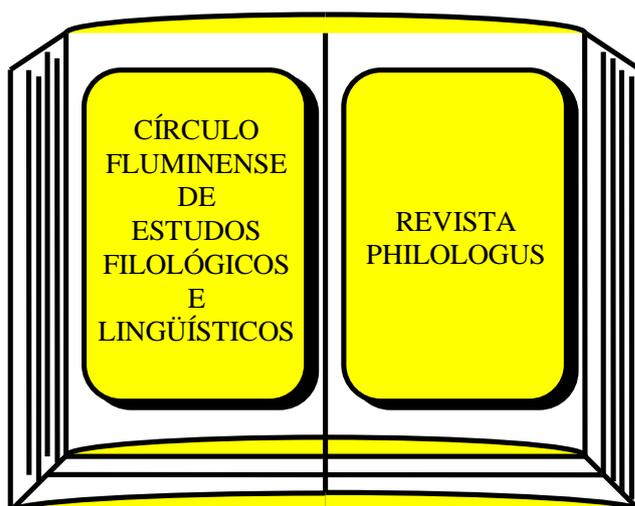


REVISTA PHILOLOGUS

ISSN 1413-6457



Rio de Janeiro - Ano 2 - N.º 6
Setembro/Dezembro - 1996

Expediente

A *Revista Philologus* é um periódico quadrimestral do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos (CiFEFiL) que se destina a veicular a transmissão e a produção de conhecimentos e reflexões científicas, desta entidade, nas áreas de Filologia e Lingüística por ela abrangidas.

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva de seus autores.

Editor:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos (CiFEFiL).

Endereço provisório - Rua Tibagi, 499 - Bangu - Rio de Janeiro - Brasil - CEP: 21.820-270 - Tel.: (021) 331-9051.

Diretor-Presidente:

Prof. Emmanuel Macedo Tavares

Vice-Diretor:

Prof. Álvaro Alfredo Bragança Júnior

1.º Secretário:

Prof. Ruy Magalhães de Araujo

2.º Secretário:

Prof. José Pereira da Silva

Equipe de Apoio Editorial:

Constituída pelos Diretores e Secretários do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos (CiFEFiL). Esta Equipe é a responsável pelo recebimento e avaliação dos trabalhos encaminhados à publicação nesta *Revista*.

Redator-Chefe

Paulo Roberto da Silva Riehl

Distribuição:

A *Revista Philologus* tem sua distribuição endereçada a Instituições de Ensino, Centros, Órgãos e Institutos de Estudos e Pesquisa e a quaisquer outras entidades ou pessoas interessadas em seu recebimento mediante pedido e pagamento de taxas postais correspondentes.

ISSN 1413-6457

Editorial

O Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos (CiFEFiL) tem a grata satisfação de publicar, neste número de sua Revista, as palestras da 2.ª Semana de Estudos Filológicos e Lingüísticos cuja realização foi possível com o apoio técnico da Universidade Veiga de Almeida, no período de 26 a 30 de agosto próximo passado.

Na p. 3 e seguintes, destaca-se o artigo *O ensino da filologia: reflexões* no qual sua autora discute sobre o papel da Filologia ao longo de sua história de ciência e de disciplina administrada no magistério de 3.º grau do país.

À p. 8, encontra-se o artigo *O léxico do gado na região dos Cariris Velhos - PB* que põe em relevo a criação do gado ao longo dos dois últimos séculos naquela região, propiciando um estudo sério a respeito do vocabulário impregnado de termos decorrentes do desenvolvimento dos métodos criatórios.

O artigo intitulado *Por uma lexicografia produtiva - 1.º segmento do 1.º grau*, à p. 18 e seguintes, pretende servir de orientação para professores e outros profissionais que lidam com o ensino da língua portuguesa, em especial seu léxico, visto que a pouca tradição lexicográfica em nosso país não permite um avanço nos estudos lexicais nas escolas públicas de 1.º grau.

No artigo *Galego e português modernos: um estudo comparativo*, p. 30 e seguintes, o galego e sua semelhança com o português servem para estudo e reflexão acerca do futuro do idioma que mais se aproxima do nosso.

Encerrando o presente número, surge à p. 38 e seguintes, o artigo *Estrutura fônica do provérbio português* em que são descritos os aspectos que sustentam a existência e perpetuidade das expressões proverbiais da língua portuguesa.

SUMÁRIO

3 O ensino da filologia: reflexões - *Cristina Alves de Brito*

8 O léxico do gado na região dos Cariris Velhos - PB - *Salatiel Ferreira Rodrigues*

18 Por uma lexicografia produtiva - 1.º segmento do 1.º grau - *Nadia Terra Sampaio dos Santos*.

30 Galego e português modernos: um estudo comparativo - *Alfredo Maceira Rodríguez*

38 Estrutura fônica do prové-
bio português - *Maria Lúcia Mexias*
Simon

O ENSINO DA FILOLOGIA: REFLEXÕES

Cristina Alves de Brito

Mestra em Lingüística e Filologia Românica, UFRJ. Professora de Língua Portuguesa na rede pública do Município e do Estado do Rio de Janeiro.

1. INTRODUÇÃO

Estas reflexões não são frutos em abstrato, elas resultam de pesquisa de campo realizada entre 1990 e 1993, envolvendo um universo de 33 instituições, tendo, portanto, envergadura bastante ponderável.

Ao longo de sua história, a Filologia sofreu uma evolução causada pelas próprias necessidades que iam surgindo e pelas descobertas que iam ocorrendo; mas, como ponto comum, sempre apresentou como característica fundamental a pesquisa da língua com objetivos diversos: ora no sentido de estabelecer regras gramaticais, ora buscando comentar obras, ora estabelecendo glossários quando tratavam de significado, ora elaborando descrições de estados da língua, isto é, abrangendo da perspectiva histórica da língua até os assuntos puramente sincrônicos - descrição de estados da língua.

A Filologia sempre apresentou uma preocupação única - o estudo aprofundado da linguagem: do valor pri-

mitivo dos vocábulos, da fonologia, da morfologia, dos dialetos diversos, além da evolução da própria linguagem. Para explicação da língua presente nos textos houve a necessidade de tantos outros estudos lingüísticos, históricos, para que pudesse estabelecer a, com o objetivo de demonstrar da forma mais precisa o produto final de seu trabalho: textos inteligíveis, glossários, levantamentos de pontos da língua característicos de uma dada região.

Tais levantamentos não são feitos com base em teorias, mas a partir de observações, estudos e constatações. Talvez aí esteja o seu grande problema - estar relegada ao abandono - não partir de teorias em suas pesquisas, pois de acordo com a colocação de Mata Machado, quando afirma que o trabalho filológico não se apóia em pomposas considerações subjetivas. Outrossim, firma-se de modo pertinaz nos dados recolhidos em estudos acertadamente interpretados.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. A FILOLOGIA NO ENSINO SUPERIOR

Filologia não estacionou. Ela vem evoluindo, como é particular a qualquer ciência, adquirindo novas roupagens. Estudos mais recentes ratificam a idéia de que a Filologia lança mão de um conjunto de meios para atingir o sentido da palavra escrita ou falada.

A Escola Francesa defende a idéia de que o estudo deve restringir-se à parte impressa do discurso, já a Escola Americana entende a análise do discurso, segundo Maingueneau, como a disciplina que tem como objeto de estudo a conversação regular.

A divergência continua, agora com nova roupagem. Presenciamos escolas tratando do mesmo tema - o discurso - porém priorizando pontos diversos em suas análises. Já Serafim da Silva Neto e Anthony J. Naro

também entendiam essas duas linhas como pertinentes à Filologia.

Não é de agora que o estudo de Filologia apresenta problemas no que se refere a seu ensino, a forma que deve assumir, o que deve ser oferecido ao aluno para que tenha livre trânsito em uma área tão vasta em trabalhos. Outro fator importante no ensino é a oportunidade dos alunos realizarem trabalhos práticos para que tenham um maior contato com a área.

Na visão de M. Paiva Boleo, o ensino superior negar-se-ia, caso pusesse o estudante o tempo todo, diante somente da ciência pronta, no lugar de encaminhá-lo para uma ciência a fazer.

Albino Bem Beiga também afirma que há necessidade de que sejam feitos estudos e pesquisas fora dos quadros de rotina pelos alunos.

Os diversos conceitos de Filologia reclamam variados conhecimentos para o seu exercício; buscou-se nos programas desenvolvidos pelas diversas Instituições do país, entre 1990 e 1993, o que vinha sendo ministrado na cadeira de Filologia nas diferentes Faculdades públicas e particulares do país.

Centralizou-se a atenção no que as diversas Faculdades desenvolviam

como Filologia. E a partir do levantamento, constatou-se como estão sendo preparados os filólogos. É momento de lembrar-se das palavras de Gladstone C. de Melo, quando afirma que não se improvisa um filólogo, ele deve ser formado.

O levantamento feito demonstrou que a denominação da disciplina na maioria dos cursos permanece com o rótulo de Filologia; destaquem-se outras que a nomeiam de Lingüística Românica, Lingüística Histórica do Português, Gramática Histórica, História da Língua Portuguesa. Porém há Faculdades que não apresentam o curso ou o modificam, de forma que muito dos conteúdos de Filologia são ministrados de forma geral dentro de outras disciplinas: Língua Portuguesa ou Gramática Histórica. Entre as diversas razões apresentadas para a ausência da disciplina temos:

a) o fato de o curso não requerer conhecimentos de outra língua latina moderna, a ausência de tal base torna difícil demonstrar, através de textos, a evolução destas línguas;

b) os conteúdos de Filologia são desenvolvidos na disciplina de Língua Portuguesa V;

c) até 1978 a disciplina era obrigatória, hoje - abril de 1990 - aparece no

Curso de Pós-Graduação sob a denominação de "Crítica Externa e Interna da Língua Portuguesa", sendo recomendada ao graduando;

d) ou simplesmente não apresenta a disciplina em seu currículo.

2.2. GRADUAÇÃO - O QUE PREDOMINA EM SEU ENSINO

No ensino superior, a abordagem da Filologia verificada nos programas, é realizada pela maioria das Instituições sob um dos aspectos que abrange a disciplina.

Assim no que se refere às Línguas Românicas, o estudo desenvolve-se predominantemente no sentido do aspecto histórico, da romanização e da fragmentação ocorrida; o mesmo acontece com a Língua Latina onde alguns aspectos são abordados pela grande maioria e um reduzido número não faz qualquer referência ao assunto; na parte de Filologia, a grande maioria trata de alguns aspectos, um pequeno número não aborda o tema.

Semelhante é a situação de Língua Portuguesa, onde 50% das faculdades consultadas não tratam do assunto, as demais referem-se a sua história, mencionando a sua situação dentro das Línguas Românicas em geral.

Ressalte-se aqui que os programas enviados são os de Filologia, assim não se descarta a possibilidade de ser tratada mais profundamente na cadeira de Língua Portuguesa.

Finalmente, entendido como parte prática e conceituação, 45% não fazem qualquer referência ao assunto e as demais tocam em um ou outro aspecto; esta é a parte prática do trabalho filológico; aí, constatou-se que tal tarefa não é motivo de interesse maior nos programas.

A partir dos assuntos mais tratados e mesmo não deixando de considerar os menos abordados, a disciplina Filologia é trabalhada predominantemente sob aspecto teórico, isto é, as línguas românicas que resultam da fragmentação do latim.

Em sua maioria, nos programas desenvolvidos, pouquíssimos partem para a pesquisa e o trabalho dentro da área filológica. Nesse sentido há que destacar apenas quatro faculdades que para o exercício efetivo do trabalho filológico fornecem não só os meios, mas também uma visão mais concreta do exercício dentro da área de Filologia.

Assim, constata-se um reduzido número de Instituições que desenvolvem algum trabalho, procurando co-

locar em prática o que tanto M. P. Boleo como A. B. Veiga defendiam como fator caracterizador do curso superior - a prática da ciência.

2.3. PÓS-GRADUAÇÃO - A SUA REALIDADE

No curso de pós-graduação também há faculdades que não oferecem o curso por motivos diversos: ora por causa do falecimento do professor titular, ora simplesmente não apresentam a disciplina, e um pequeno número ainda mantém o curso.

Em linhas gerais, o ensino e a forma como se desenvolvem os programas estanciam-se no setor das informações teóricas sobre as Línguas Românicas, o Latim, a Filologia, a Língua Portuguesa, detendo-se, predominantemente, na parte histórica de cada um. Além das justificativas apresentadas por diversas Faculdades para a ausência do Curso, acrescenta-se aqui os programas enviados por dois cursos, apresentam o mesmo conteúdo desenvolvido tanto na graduação como na pós-graduação, o que não quer dizer que a abordagem seja a mesma, mas...

Dessa forma, percebe-se que pouco ou quase nada é desenvolvido no sentido de formar filólogos através da organização de trabalhos práticos na área, embora a nível de pós-graduação nem sempre cabe estabelecer o trabalho que seria desenvolvido pelo aluno.

Sabemos que as informações teóricas são essenciais para os estudos filológicos, porém esbarram em outros problemas, porque para o exercício filológico são necessárias muitas e profundas informações e o que se verifica nitidamente nos programas desenvolvidos é que no geral esse aprofundamento não ocorre na maior parte dos programas das Instituições.

Além disso no depoimento de algumas Faculdades, a ausência da disciplina em seus currículos ou a sua diluição por outras matérias torna-se um fator preocupante na formação de filólogos.

Se não é obrigatório o conhecimento de latim e outras línguas românicas, como se pode esperar que sejam formadas pessoas com habilitação para tal exercício sem que tenham conhecimento de pontos fundamentais?

Em relação à prática filológica, onde se torna imperioso adquirir-se o hábito de observar e de exercitar-se, este aspecto deixa muito a desejar; no universo pesquisado, somente um número reduzido de instituições coloca em prática o papel preconizado de há muito para os Cursos de Letras, o de encaminhar os alunos para estudos e pesquisas fora dos quadros rotineiros.

3. CONCLUSÃO

Todos sabem que para o exercício efetivo da Filologia tem de haver muito treino, exercício, aprender a pesquisar, enfim tem de ser preparado aquele que pretende atuar na área. Para E. Auerbach são ilimitados os conhecimentos que podem ser exigidos de um filólogo, considerando-se as necessidades de cada caso (conhecimentos estéticos, literários, jurídicos, históricos, teológicos, científicos, filosóficos).

Percebe-se de modo geral que pouco ou quase nada é desenvolvido no sentido de formar filólogos através da organização de trabalhos por parte dos alunos. Os programas ministrados abordam os assuntos superficialmente, justificando-se dessa

forma a ausência de grandes tarefas práticas para um efetivo exercício da ciência.

Hoje verificamos que as cobranças no que se refere aos conhecimentos reclamados para o exercício da Filologia não são ofertados de forma ampla àqueles que pretendem atuar na área, pois os programas estão bem distantes dos conhecimentos inerentes à Ciência.

O problema não é atual, já vem se arrastando há muito tempo. E. Coseriu numa avaliação do trabalho desenvolvido entre 1940 e 1965 constatou que naquela época o desinteresse pela Filologia já se manifestava plenamente. Verificou, por exemplo, que na Argentina, o ensino de Filologia Românica foi eliminado; no Chile, após a reforma de ensino, a Lingüística Românica não é mais lecionada; no Brasil, eram ministradas as cadeiras de Filologia Românica e Filologia Portuguesa em contrapartida não havia a de Lingüística Geral, fato que parece não ter sofrido mudanças após quase 30 anos, baseando-se nos programas consultados.

Em Montevidéu apresentava uma situação mais favorável, havendo as cadeiras de Lingüística Geral, Indo-

Européia e Românica - além da cadeira especial de Ciencias del Lenguaje dedicada ao estudo do espanhol.

Com base nos programas desenvolvidos pelas diversas Instituições e considerando todos os conhecimentos requeridos pela ciência filológica, deparamo-nos com uma grande defasagem entre os conhecimentos reclamados para o seu exercício e os conteúdos dos programas desenvolvidos. O que é ofertado está muito aquém de fornecer os meios adequados para o trabalho filológico, quer como professor, quer como pesquisador.

De modo a dar uma contribuição, deveriam ser os objetivos principais dos Cursos de Filologia em nossas Instituições:

1. O estudo da história externa e interna da Língua Portuguesa;
2. O entendimento do caráter específico da língua literária nos vários momentos históricos, proporcionando condições de abordagem filológica do texto;
3. A compreensão e o aprofundamento da metodologia filológica;
4. O julgamento crítico dos fatos lingüísticos relativos à língua portuguesa e demais línguas românicas;

5. A ampliação da capacidade de observação no tratamento ecdótico de textos de interesse filológico e lingüístico;
6. A capacitação para o estudo comparativo das estruturas das línguas românicas;
7. A aquisição do conhecimento e o desenvolvimento de perspicácia estilística;
8. A percepção da importância e do interesse dos estudos da Romanística para o magistério.

Para alcançar esses objetivos, há necessidade de conhecimentos mínimos, que conduziram o estudioso de forma segura a melhorar o seu desempenho; também se poderia pensar em dois tipos de currículos: um rígido para a formação de professores; outro flexível, amplo, diversificado, aprofundado, para a formação de pesquisadores, com cursos de extensão, especialização, sugestão apresentada por José Carlos Lisboa no Simpósio de Filologia Românica publicado em 1970.

Aí, quem sabe, não haveria mais comentários como os de Segismundo Spina e muitos outros professores que dizem que os diferentes conhecimentos que levam à edição de textos não poderiam ser desenvolvidos

na Graduação, devido ao baixo nível dos alunos, por serem carentes de um conhecimento mínimo de cultura clássica e desconhecimentos da história da língua portuguesa.

Enfim, o que há, é uma dicotomia profunda entre os conhecimentos reclamados e os programas/prática que estão bem distantes dos pré-requisitos para o exercício filológico.

Apesar de o levantamento ter sido feito entre 1990 e 1993, não acredito que tenha, pelos dados de então, melhorado o tratamento dispensado à disciplina, mas tão somente tenha havido um dar de ombros sobre a Filologia, isto é, a diminuição de interesse e da organização da mesma.

Em informação mais recente, na UFRJ, a Filologia hoje permanece como linha de pesquisa e o Curso de Pós-Graduação não é mais ofertado; e na UFF, com a aposentadoria do Professor Maximiano, houve, evidentemente, um enfraquecimento da área.

É importante que não se esqueça de que os temas filológicos não estão esgotados; cada nova época tem sua contribuição a dar sobre os vários temas pertinentes à Filologia.

Há de se ter consciência de que a Filologia ocupa lugar de importância no conjunto dos estudos lingüísticos e devemos, portanto, manter o caminho aberto para que receba o devido destaque.

4. RECAPITULAÇÕES SUMÁRIAS

4.1. RESUMO

O objeto de trabalho da Filologia ao longo de sua história e a dicotomia existente entre a Ciência e os programas ministrados nas diversas Faculdades do país.

4.2. ABSTRACT

The work's object of Philology throughout its history and the dicotomy between the Science and the subjects that are put into practice in several Brazilian Universities.

5. BIBLIOGRAFIA

- AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários*. São Paulo: Cultrix, 1972. 2 ed.
- BOLEO, M. da Paiva. *Introdução ao estudo filologia portuguesa*. Lisboa: Revista de Portugal, 1946, p. 74-75.
- LISBOA, José Carlos. *Anais do primeiro simpósio de filologia ro-*

- mânica*. Rio de Janeiro: MEC, 1970, p. 45.
- MACHADO F^o, A. da Mata. *Anais do primeiro simpósio de filologia românica*. Rio de Janeiro: MEC, 1970, p. 41.
- MAINGUENEAU, Dominique. *No-vas tendências em análise do discurso*. Campinas, São Paulo: Pontes, Editora Unicamp, 1989, p. 10.
- NARO, Anthony J. (org.). *Tendências atuais da lingüística e da filologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. p. 73.
- SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica (crítica textual)*. São Paulo: Cultrix, Editora da USP, 1977, p. 13-14.
- VEIGA, Albino de Bem. In: AZEVEDO F.^o, Leodegário de A. *Estudos filológicos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967, p. 30.

O LÉXICO DO GADO NA REGIÃO DOS CARIRIS VELHOS - PB

Salatiel Ferreira Rodrigues
Mestre e Doutor em Letras Vernáculas, UFRJ.

1 - INTRODUÇÃO

A microrregião dos Cariris Velhos, na Paraíba, tem sido, desde a colonização, uma terra povoada de bovinos. A princípio acreditava-se que a presença do gado ali era explicada pela grande resistência do animal às intempéries e por ser este produto o que melhor compensava os prejuízos da agricultura nos anos de seca.

Nos primeiros tempos a pecuária foi ultra-extensiva, com os rebanhos pastando na vastidão dos pastos comuns. Só uma vez por ano, pelo mês de setembro, quando ocorria o término da pastagem verde, o gado era ajuntado em determinada fazenda de criação, para identificação do pro-

prietário e separação e ferra dos bezeros. Era o momento das grandes "festas de apartação", que os cantadores de cordel imortalizaram. Durante dias seguidos, grupos numerosos de freqüentadores e curiosos vinham se unir à vaqueirama e aos criadores na atmosfera festiva do curral. Comia-se fartamente, namorava-se e dançava-se dança animada que varava as noites. Outras vezes parava-se para ouvir o cantador de viola que desafiava um adversário igualmente famoso ou discorria em suas gestas de gado, onde o herói era com freqüência o animal ao invés de ser o vaqueiro ou seu cavalo.

A propriedade do gado adulto era levantada pelo sinal do proprietário marcado a ferro em brasa no lado

direito da rês. No lado esquerdo estava gravado o símbolo da ribeira de onde procedia. O bezerro era conhecido pela vaca junto à qual ainda andava. Após a ferra, os rebanhos eram entregues a seus respectivos donos, que os devolviam ao campo ou os conduziam, através dos tangerinos, aos postos de comercialização, a grandes distâncias, o que implicava em estropiamento de reses, perda de peso e, conseqüentemente, do seu valor de comércio.

A partir do início deste século, o caririense se conscientizou de que o boi é o verdadeiro elemento econômico da região. O número de animais foi multiplicado. Veio a divisão das pastagens. Um número sempre crescente de pessoas vai se integran-

do nas atividades do criatório. A escassez de pastos naturais leva o criador a servir no curral uma ração suplementar. O homem experimenta uma vivência mais íntima com o gado no dia-a-dia da cocheira.

A aquisição de novas raças torna o patrimônio genético mais produtivo. A chegada de novos tipos de pastagens e a adoção da prática de manejo, fenação e ensilhamento fazem mais fácil a manutenção dos rebanhos. Onde eram os *carrascais*, brotam agora as *capineiras*. Os antigos *tabuleiros* são hoje campos de *palma forrageira*. A pecuária intensiva fez desaparecer o *barbatão*, o *marruá*, a *festa de apartação*. O boi *espácio*, que assomava em meio ao *gado bravo*, é agora o boi *mochado* que come no cocho junto com o *gado de hotel*. O vaqueiro de atualmente é gente de dentro de casa, que vai frequentemente à cidade e participa dos assuntos do patrão. Há muito tempo deixou de ser o herói alencariano que gostava de "dormir ao sereno, a céu aberto, sob a cúpula de azul marchetado de diamantes".¹

A transformação do modelo econômico vai implicar numa sensível alteração do material lingüístico. A evolução das descobertas técnico-científicas, a introdução de moder-

nas técnicas de exploração econômica, a adoção de revolucionários métodos profissionais, a utilização de objetos novos, trazem no mesmo arrastão uma outra linguagem que se apressa em ocupar vigorosamente o espaço que até há bem pouco tempo era lugar cativo da pecuária tradicional. O que vai caindo em desuso vai fazendo igualmente desaparecer a respectiva nomeação.

O objetivo geral desta pesquisa é, portanto, estudar a extensão e profundidade da influência exercida pela atividade pastoril no léxico da região. O objetivo específico é documentar a ação cultural do léxico na história da língua: some o referente, some a palavra; entra referente novo, traz consigo nova nomeação que inclusive tem que acomodar-se aos acidentes da terra.

2 - O LÉXICO DA ATIVIDADE PASTORIL NO NORDESTE CARIRIENSE

Durante séculos pensou-se que não foram as vantagens das condições ecológicas que levaram o gado aos Cariris Velhos. O criatório teria sido ali incrementado por se tratar de atividade que resiste melhor às inclemências das zonas das secas.

Mas não é bem assim; o solo e o clima caririenses, que só encontram correspondência na África e na Ásia secas, na Austrália e no chaco seco da Argentina - regiões onde a criação de bovinos mais se desenvolvem - são justificativas por que a pecuária tem sido naquelas terras a atividade secularmente predominante. O que houve foi um equívoco das autoridades governamentais, que vêm, até agora, direcionando todos os esforços assistenciais para uma agricultura que, em média, não vai além dos 5% de toda a produção econômica da região. Equívoco que já começou a ser, timidamente, reconhecido, mas não corrigido.

A atividade pastoril instalou-se no solo caririense praticamente por um acaso. Os primeiros bovinos do Nordeste chegaram inicialmente à beira-mar, reclamados pelas necessidades da indústria açucareira. Vivendo ao pé dos engenhos, devastando o olho da cana-de-açúcar e esmagando a mandioca sob suas patas, geraram violento conflito entre plantadores e criadores. Como as duas atividades não se coadunavam, a agricultura do litoral empurrou o boi para o interior. Uma carta régia datada de 1701 decretou o afastamento do gado em

um mínimo de dez léguas das imediações das zonas de plantioⁱⁱ.

Com o afastamento do gado para o interior, criaram-se rotas de ocupação dos sertões nordestinos seguindo geralmente o curso dos rios. Um desses caminhos avançando pelo vale do Paraíba alcançou os campos adjacentes à povoação do Boqueirão, a mais antiga aldeia dos Cariris Velhos. O criatório aí se estabeleceu. Insistindo em seguir o curso das águas, outros criadores foram fundando, sucessivamente, currais que deram origem às cidades de Cabaceiras, São João do Cariri, Taperoá e Monteiro.

O gado da colonização que se estabeleceu nos Cariris Velhos era todo da espécie *Bos taurus* (europeu). Este descende de ancestral desaparecido, possivelmente do *Bos primigenius*, tipo bovino selvagem que resultou nas espécies domesticáveisⁱⁱⁱ. Caracterizavam-no, além de algumas particularidades do aspecto físico, a baixa capacidade de tolerância ao calor tropical; a pouca resistência aos ecto e endoparasitos; maior exigência quanto às pastagens e seu teor nutritivo; perturbação da ruminação em face de temperaturas superiores a 32° C.; reduzida capacidade de locomoção e pouca resistência a

longas caminhadas. Mesmo assim, esse gado expandiu-se com facilidade nos Cariris Velhos, como o atesta Irineu Joffily:

"A criação tornou rápido incremento, irradiando-se logo para as ribeiras secundárias confluentes das principais, e afinal estendeu-se até os terrenos centrais, os mais afastados dos rios"^{iv}.

Daí em diante, a produção de bovinos crescia continuamente. No entanto, nos fins do século passado a espécie achava-se em pleno processo de descaracterização. Seu baixo metabolismo refletia-se na diminuta produtividade. Era um gado de oreilha miúda, chifres longos, pequeno porte e pouco leite. Uma rês adulta atingia em geral o peso de cinco a seis arrobas. esse aspecto atrofiado era o resultado da degeneração de uma raça submetida a um processo de arrumação gênica para se aclimatar às condições do ambiente em que passou a viver.

A extrema rusticidade dos rebanhos tradicionais ligava as suas origens ao desconhecimento do criador. Primeiro lenta, mas continuamente, teve-se a redução das precipitações pluviométricas; depois, o aumento do número de animais, a divisão das terras, o arame farpado. A ausência da prática de manejo não permite

que a pastagem semente e daí o suporte alimentar vai responder por uma degradação sucessiva na área de campo. O boi vai-se adaptando e, como consequência inevitável, vem a redução de porte e da produção de leite. Paralelamente, verificava-se o despreparo do pecuarista, que não hesitava em mandar a melhor vaca para o açougue e ficar com a pior.

Para socorro da espécie decadente, surgem no Nordeste, por volta da terceira década deste século, os primeiros zebuínos. Animais de pele grossa, suficientemente rica em melanina, estavam, de saída, aptos a enfrentar a inclemência da canícula nordestina. Suas penas longas possibilitavam-lhes maior facilidade de movimentação. e, acima dessas características, revelaram-se como o gado da fotossíntese, pela capacidade de metabolizar forragem grosseira, transformando-a em carne.

Logo vieram os cruzamentos do zebu tanto com as raças européias como entre os membros da mesma família. *Nelore*, *Gir*, e *Guzerá*, amalgamados, produziram o *indubrasil*, modelo ideal de exótico nativo, pela sua adaptabilidade perfeita. Nas terras dos Cariris Velhos, as raças se multiplicavam. Por todos os cantos tornou-se possível encontrar gado

holandês, simmental, schwyz, e outros, adquiridos para mestiçagem com o zebu.

Mas o sucesso do novo patrimônio genético vai depender das facilidades que se lhe ofereçam em termos de adaptação mesológica. E esta exigência vai acarretar conseqüentemente uma indispensável melhoria dos recursos alimentares. O habitual silêncio da fazenda Caririense é então cortado pelo ruído da máquina forrageira. A palha de milho, o sabugo, e caroço de algodão são aproveitados na ração. Pesquisa-se a identificação de solos e climas. Abrem-se poços artesianos. Plantam-se algarobeiras. Da África, via Austrália e Estados Unidos, chega-nos o capim *búfel* em todas as suas variedades: *biloela*, *gayndah*, *grass*. Adota-se o ensilamento de pastagens e o processo de fenação, velho na história, mas novo na prática regional.

Os Cariris Velhos se enriquecem de animais ecologicamente adaptados. Desenvolve-se uma base vegetal compatível com a ecologia da região. As modernas técnicas de criação ocupam seu lugar no cenário. A primeira providência, que logo virou prática comum, foi o melhoramento das raças, as atitudes profiláticas, a

cura das doenças. A pecuária avan-

ça. O sistema tradicional de criação, que empregava apenas uns poucos vaqueiros, cede lugar a sólida indústria pastoril que emprega a maior parte da força de trabalho e representa a mais fértil fonte geradora de renda da região. Em torno dela acham-se nucleados os criadores, vaqueiros, veterinários, boiadeiros, peões e toda uma gama de pessoal que encontra aí a sua subsistência. A mudança vertiginosa no modelo sócio-econômico vai-se refletir, como é natural, na linguagem.

A língua falada nos Cariris Velhos conta a história dessa transformação. A realidade dos idosos (G), já não é a mesma dos jovens entre 15 e 35 anos (P), assim como as duas diferem da realidade do grupo intermediário (M) entre uma faixa etária e outra.

Os números nos autorizam a falar de uma comunidade que até o começo desse século viveu preocupada com a *água* (G:50,00%-M:30,00% - P:20,00%) que se represava nos *açudes* (G:40,00%-M:36,00% - P:24,00%) para sustento dos *rebanhos* (g:55,55%-M:22,22% - P: 22,22%) que *pastavam* (G:40,00% - M:

60,00%-P:0,00%) livres nas *capoeiras* (G:20,00% - M:80,00% - P:0,00%) e na *caatinga* (G:71,43% - M:28,57% - P:0,00%). Na *mata* (G:33,33%-M:66,67% - P:0,00%), no *mato fechado* (G:50,00% - M:33,33%-P:16,67%) ou no *campo* (G:45,00% - M:35,00% - P:20,00%), se chovesse, o gado encontrava sempre uma *bebida* (G: 42,86% - M:42,86%-P:14,28%) em uma *lagoa* (G:50,00% - M:50,00% - P:0,00%) qualquer, correndo apenas o risco de cair num *atoleiro* (G:50,00%-M:50,00% - P:0,00%). O criador não *revia* (G:0,00% - M:80,00%-P:20,00%) o gado, não tinha contato com ele. Era aí que surgiam os *barbatões* (G:66,67% - M:16,66%-P:16,66%) ou *marruás* (G:100,00% - M:0,00% - P:0,00%), que só eram trazidos a *mourão* (G:40,00%-M:40,00 - P:20,00%) em época de *apartação* (G:57,14% - M:42,86%-P:0,00%). A *vaqueirama* (G:80,00% - M:20,00% - P:0,00%) fazia *esteira* (G: 60,00% - M:40,00%-P:0,00%) e *campeava* (G:50,00%-M:25,00% - P:25,00%) até descobrir o boi *arisco* (G:60,00%-M:40,00% - P:0,00%) em alguma *malhada* (G:33,33% - M:66,67%-P:0,00%) ou no *bebedouro* (G:50,00%- M:40,00% - P:10,00%). O animal era então *der-*

rubado (G:40,00% - M:40,00% - P:20,00%) e *assinado* (G:66,67% - M:33,33% - P:0,00%), *taleiros* (G:100,00%-M:0,00% - P:0,00%) e, dominado pela *algema* (G:50,00% - M:25,00% - P:25,00%), ostentando na *anca* (G:50,00%-M:75,00%-P:0,00%) e pela *careta* (G:66,67% - M:33,33% - P:0,00%) do proprietário. *era trazido para ser submetido ao machado* (G:50,00% -M:33,33% - P:16,67%).

Os que davam maior trabalho ganhavam a fama de *mandingueiros* (G:40,00% - M:40,00% - P:20,00%) ou *batizados* (G:50,00% -M:25,00% - P:25,00%), que ninguém os conseguia *pegar* (G:38,24% -M:32,35% - P:29,41%). Todo vaqueiro antigo tem uma história para contar de um *boi erado* (G:100,00% - M:0,00%-P:0,00%) ou de um *chamurro* (G:33,33% - M:66,67% - P:0,00%) em cujo *rasto* (G:50,00%-M:25,00% - P:25,00%) ele saiu, *correu atrás* (G:60,00% - M:10,0-P:30,00%), enfrentou *espinhos* (G:42,86% - M:42,86% - P:14,28%) e *garranchos* (G:50,00%-M:50,00% - P:0,00%) mas o *pegou*. O bicho tinha *mandinga* (G:33,33%-M:66,67% - P:0,00%) e *acuava* (G:75,00% - M:25,00% - P:0,00%), mas terminou na ponta de um *relho* (G:80,00% - M:20,00% - P:0,00%), *algemado* (G:100,00% - M:0,00%-P:0,00%), *encaretado* (G:60,00%-

Uma vez por ano o *criador* (G:41,67% - M:41,67% - P:16,66%) mandava *dar campo* (G:100,00%-M:0,00% - P:0,00%) no gado que vivia solto no *pasto* (G:42,86%-M:32,14% - P:25,00%), no *mato* (G:35,71% -M:42,86% - P: 21,43%) ou nos *tabuleiros* (G:50,00%-M:50,00% - P:0,00%). A *boiada* (G:50,00% - M:33,33% - P:16,67%) era reunida e então um *laçador* (G:50,00% - M:50,00% - P:0,00%) *laçava* (G:50,00% - M:20,00%-P:30,00%) cada rês pelos *chifres* (G:64,71% - M:23,53% - P:11,76%) para *assiná-la* (G:80,00%-M:20,00% - P:0,00%) e *carimbá-la* (G:100,00% - M:0,00% - P:0,00%) com a *marca* (G:40,00%-M:40,00% - P:20,00%) do dono. Depois o gado era devolvido à *pastagem* (G:35,30% - M:35,30% - P:29,40%) ou preso no *cercado* (G:36,36%-M:34,10% - P:29,54%) para ser vendido. O que não fosse absorvido pelos *abatedores* (G:50,00%-M:50,00% - P:0,00%) e desmanchado em *mantas* (G:42,00%-M:42,86%

era levado pelos *tangerinos* (G:71,44%-M:14,28% - P:14,28%) para mercados de maior consumo. As longas caminhadas exigiam o uso da *alpercata de boi* (G:50,00% - M:50,00% - P:0,00%) ou *sapato de boi* (G:50,00% - M:50,00% - P:0,00%) para proteger os *cascos* (G:50,00% - M:41,67% - P:8,33%) e, assim, a rês não *estropiar* (G:100,00%-M:0,00% - P:0,00%). O *tangedor* (G:33,33% - M:66,67% - P:0,00%) muitas vezes comia andando a merenda que levava no *alforge* (G:50,00% - M:25,00 - P:25,00%).

Em tempos de grande estiagem, o gado bebia nos *olhos d'água* (G:100,00% - M:0,00% - P:0,00%) ou em *cacimbas* (G:43,75%-M:37,00% - P:18,75%) abertas no leito seco dos rios, comia a folha do *mororó* (G:71,43% - M:28,57%-P:0,00%), *juazeiro* (G:50,00%-M:25,00% - P:25,00%), *quixabeira* (G:66,67% - M:33,33% - P:0,00%), *taboca* (G:50,00% - M:50,00%-P:0,00%) e *algodão* (G:42,86%-M:42,86% - P:14,28%). Depois partia para o *mandacaru* (G:33,33% - M:41,67% - P:25,00%), *xiquexique* (G:56,25% - M:31,25%-P:12,50%),

facheiro (G:57,14%-M:42,86% - P:29,41%) e a rês não se deixasse *cabeçalho* (G:50,00%-M:25,00% - P:25,00%), só para exemplificar. Para trás ficou ainda a *boiada* (G:57,14% - M:42,86%-P:0,00%) e (G:0,00% - M:66,67% - P:33,33%) *macambira* (G:50,00%-M:42,85% - para *curá-la no rasto* (G:57,14%- (G:25,00% - M:75,00%-P:0,00%) ou P:7,14%). O gado mais íntimo era M:28,57% - P:14,29%) e os *bichos* *junta de bois* (G:57,14% - M:28,57% - P:14,29%) que o puxava. servido de *palma* (G:37,21% - (G:42,86% - M:42,86% - P:14,28%) caíam em uma semana. Naquela época ainda não se sabia que a *raiva* Mas o zebu, o boi de *mamilo* (G:71,44% - M:14,28% - (G:25,81% - M:51,61% - P:22,58%) (G:33,33% - M:66,67% - P:0,00%) *casca de algodão* (G:60,00% - M:20,00% - P:20,00%), é transmitida pelo *morcego* ou boi *mamilado* (G:75,00%- (G:50,00% - M:50,00% - P:0,00%). M:25,00% - P:0,00%) foi apenas a base da vertiginosa transformação dos Cariris. Por aquela época a *forrageira* (G:42,11% - M:26,32%- P:31,58%) fez soar o seu grito de guerra no sertão, triturando a *palha de milho* (G:9,09% - M:36,36%- P:54,55%), o *sabugo de milho* (G:28,57% - M:42,86%- P:28,57%), a vagem da *algaroba* (G:33,33%- M:22,22% - P:44,45%), a rama de *jurema* (G:8,33% - M:50,00%- P:41,67%), a folha do *marmeleiro* (G:36,36% - M:36,36%- P:27,27%), que vão se juntar ao *bagaço de cana* (G:25,00% - M:0,00% - P:75,00%) e à *cama de galinha* (G:0,00%- M:33,33% - P:66,67%) no preparo da *ração* (G:35,14% - M:32,43%- P:32,43%) que o gado recebe na *cocheira* (G:30,77% - M:26,92%- P:42,31%). Ali ele também recebe a sua quota de *torta* (G:28,57%- M:21,43% - P:50,00%), *sal* (G:25,00% - M:32,56% - P:30,23%) pura, *caroço de algodão* (G:71,44% - M:14,28% - P:14,28%), *casca de algodão* (G:60,00% - M:20,00% - P:20,00%), ou era posto no *roçado* (G:57,14% - M:28,57%- P:14,29%). Dificilmente era contemplado com *pasta crioulo* (G:64,29% - M:28,57%- P:7,14%) ou *pé-duro* (G:66,66%- M:16,67% - P:16,67%). O primeiro espécime diferente que apareceu nos Cariris foi o *malabar* (G:60,00% - M:20,00% - P:20,00%), um tipo *abarracado* (G:50,00% - M:50,00% - P:0,00%) resultante do cruzamento do *zebu* (G:66,67% - M:33,33%- P:0,00%) com vaca crioula. Só depois é que apareceram outras raças. Na avalanche dos acontecimentos que deixou para trás o gado crioulo ou pé-duro, ficou também para trás o *carro de bois* (G:41,18%-M:47,06% - P:11,76%) e com ele a denominação das suas peças: *costela* (G:100,00% - M:0,00%-P:0,00%), *gato* (G:33,33%-M:33,33% - P:33,33%), *brabo* (G:66,67% - M:33,33% - P:0,00%), *cantadeira* (G:66,67% - M:33,33%-P:0,00%) e Quando se esgotavam todos os recursos, o criador era obrigado a *retirar* (G:50,00% - M:50,00%- P:0,00%) e batia em *retirada* (G:75,00% - M:25,00% - P:0,00%) para localidade menos carente. Se alguma rês adoecia, se ficasse *empanzinada* (G:57,14%-M:42,86% - P:0,00%) ou fosse atacada pelo *oca* (G:62,50% - M:25,00% - P:12,50%) ou *baba* (G:60,00% - M:20,00%- P:20,00%), ou por uma *gangrena* (G:33,33% - M:66,67% - P:0,00%), logo lhe era oferecido um chá de *erva-babosa* (G:66,66% - M:16,67% - P:16,67%) e, se morresse, aproveitavam-lhe o couro para fazer um *arrasto* (G:33,33% - M:66,67%- P:0,00%). Se a doença fosse uma *bicheira* (G:47,06% - M:23,53%-

- M:31,25% - P:43,75%), *proteína* (G:0,00% - M:0,00%-P:100,00%) e *uréia* (G:0,00%-M:0,00% - P:100,00%). A *cerca* (G:11,11% - M:55,56% - P:33,33%) de *arame* (G:16,67% - M:33,33%-P:50,00%) e *estacas* (G:16,67%-M:50,00% - P:33,33%) e a cerca viva de *avelós* (G:0,00% - M:50,00% - P:50,00%) vão recortando o espaço. O cercado foi partido em *mangas* (G:36,00% - M:32,00%-P:32,00%) e em *revezos* (G:11,76% - M:41,18% - P:47,06%). O gado foi chegando cada vez mais perto do *curral* (G:25,93% - M:40,74%-P:33,33%).

A água foi procurada mais em baixo, abriram-se os *cacimbões* (G:20,00% - M:20,00% - P:60,00%) e os *poços* (G:33,33% - M:41,67%-P:25,00%). Muitos jovens nunca viram um açude sangrar, mas não se preocupam com a água do seu gado, que é bombeada, automaticamente, para o *cocho* (G:35,71%-M:14,29% - P:50,00%), onde o gado vai *beber* (G:33,33% - M:22,22%-P:44,45%) à hora em que quiser.

Vieram os gados tropicais, como o *gir* (G:35,29% - M:41,17%-P:23,52%), por exemplo; vieram os europeus, como o "*schwiz*" (G:25,00% - M:50,00% - P:25,00%) e o *holandês* (G:31,03% -M:44,83%

- P:24,14%). Este, popularmente conhecido como *turino* (G:12,50%-P:28,57%), *anemia* (G:0,00%-M:60,00% - P:40,00%), *fraqueza* (G:0,00% - M:50,00% - P:50,00%), ou *verminose* (G:0,00% - M:50,00% - P:50,00%), o vaqueiro, tendo o *medicamento* (G:20,00%-M:40,00% - P:40,00%), faz a *medicação* (G:25,00:0,00% - M:0,00%-P:75,00%). O remédio está sempre na fazenda: um *antibiótico* (G:0,00% - M:66,67% - P:33,33%)-geralmente a *terramicina* (G:0,00% - M:66,67% - P:33,33%) - *querosene* (G:0,00% - M:50,00%-P:50,00%), *alho* (G:50,00%-M:0,00% - P:50,00%) etc. Se, ao *parir* (G:16,67% - M:33,33%-P:50,00%), uma vaca expele a *madre* (G:33,33% - M:0,00%-:66,67%) ou *mãe do corpo* (G:16,67%-M:33,33% - P:50,00%), o vaqueiro sabe colocar-lhe o *triângulo* (G:0,00% - M:33,33% - P:66,67%) e sanar o problema.

O suporte alimentar para o *gado de solta* (G:20,00% - M:40,00%-P:40,00%) se firmou em cima do que persiste: *capim-d'água* (G:33,33% - M:0,00% - P:66,67%), *capim-de-corte* (G:0,00% - M:50,00% - P:50,00%), *capim-marrequinha* (G:22,22%-M:22,22% -P:55,56%), *capim-mimoso* (G:0,00% - M:50,00% - P:50,00%), *capim-roxo* (G:0,00% - M:33,33%-P:66,67%), *capim-sempre-verde* (G:16,67% - M:50,00% - P:33,33). Se alguma chuva cai, o gado ainda encontra no campo uma *babugem* (G:0,00% - M:50,00% - P:50,00%) e, nos baixios, alguma *jitirana* (G:0,00% - M:25,00% - P:75,00%).

Em caso de alguma rês adoecer, o *patrão* (G:0,00% - M:0,00%-P:100,00%) não precisa chamar o *veterinário* (G:25,00% - M:35,00% - P:40,00%). Seja qual for o mal: *afto-*

Se for tempo de *vacina* (G:0,00%-M:66,67% - P:33,33%), o vaqueiro saberá também *aplicar* (G:0,00%-M:33,33% - P:66,67%) uma *injeção* (G:21,43% - M:42,86% - P:35,71%) ou usar a *pistola* (G:0,00%-M:66,67% - P:33,33%) e, se o for de castração, ele é mestre na *torquês* (G:0,00% - M:50,00% - P:50,00%).

O convívio do gado na intimidade da cachoeira levou o criador à necessidade de serrar-lhe as *pontas* (G:38,46% - M:23,08% - P:38,46%) para diminuir o problema das *pontadas* (G:0,00% - M:50,00% - P:50,00%) e, posteriormente, à de *mochar* (G:25,00% - M:25,00% - P:50,00%) os bezerros para obter o gado *mocho* (G:25,00% - M:25,00% - P:50,00%). A essa época, entrou em uso uma *pomada* (G:10,00% - M:40,00% - P:50,00%) anestésica para que não fosse preciso *judiar* (G:28,57% - M:28,57% - P:42,86%) dos filhotes.

O vaqueiro dos Cariris vive hoje na intimidade do seu gado. É só gritar *hai* (G:0,00% - M:33,67% - P:66,67%), quando o *traqueja* (G:25,00% - M:25,00% - P:50,00%) no campo, ou *chegue* (G:0,00% - M:0,00% - P:100,00%), quando o quer *trancar* (G:22,22% - M:44,45% - P:33,33%). O boi *cabresteiro* (G:0,00% - M:25,00% - P:75,00%) docilmente se deixa prender à *carroça* (G:23,82% - M:38,09% - P:38,09%) ou ao *cultivador* (G:27,78% - M:33,33% - P:38,89%). Mas o caririense não gosta de ser triste, e sua maior festa é a *vaquejada* (G:20,83% - M:33,33% - P:45,83%), em que *botar o boi no*

chão (G:0,00% - M:25,00% - P:75,00%) da *pista* (G:28,57% - M:42,86% - P:28,57%), depois de uma *saca* (G:10,00% - M:50,00% - P:40,00%) bem sucedida, é o momento máximo. E aí comparece ele trajado apoteoticamente: seu *cavalo* (G:34,15% - M:31,70% - P:34,15%), sua *sela* (G:21,05% - M:47,37% - P:31,58%), *gibão* (G:35,00% - M:25,00% - P:40,00%), *peitoral* (G:0,00% - M:50,00% - P:50,00%), *perneiras* (G:33,33% - M:22,22% - P:44,45%), que também chamam *guardas* (G:31,25% - M:43,75% - P:37,50%) ou *calça de couro* (G:0,00% - M:0,00% - P:100,00%), *chapéu de couro* (G:54,55% - M:0,00% - P:45,45%) e *botas* (G:16,67% - M:16,67% - P:66,66%). Tudo um culto ao passado.

Os fatores que influenciaram a formação lingüística dos Cariris foram basicamente os mesmos que atuaram no em todo o Nordeste pastoril. Num primeiro plano estão as simetriações característica da adaptação, lenta e gradual, do material humano ao quadro geográfico. Depois, os problemas antropológicos surgidos das condições de vida ditadas pelo meio a uma civilização de vaqueiros, de mistura com agricultores regulares, dependentes de uma ambiência

vivencial entrecortada pelo flagelo das secas, que fez surgir daí o místico e o bandido.

A influência das etnias africanas foi praticamente nula nos sertões do gado. O trabalho indisciplinado das fazendas de criação foi mais propício ao aproveitamento do braço índio, natural da região, originário das tribos dominadas. Nos caminhos abertos pelo colonizador começaram a distinguir as rotas do povoamento da terra. Em cima dos sinais de culturas anteriores, vão surgindo sucessivamente os currais, a vizinhança, as comunidades rurais, os primeiros aldeamentos. Os caracteres psicológicos do homem refletem a violência sistemática do drama da colonização e as condições ambientais da caatinga. A miscigenização entre o colonizador e os naturais da terra assegurou a base sobre a qual certos hábitos e costumes se perpetuaram. Nos liames invisíveis que prendem o homem a sua origem firmaram-se as raízes dos grupos que se irmanavam pelo processo histórico de aculturação. A relação entre cultura e sociedade está ligada à mesologia da caatinga e à ação desenvolvida pelos pioneiros no processo sucessivo de conquista do solo e do povo.

Migrações também representaram em todas as épocas fator de pouca importância, já que o contingente populacional das áreas de pastoreio em quase nada se renovou. As inovações do material lingüístico foram surgindo na proporção em que também se inovavam os métodos e técnicas profissionais. E é isto que os números acabam de demonstrar.

Como já deixamos claro, nossa pesquisa é qualitativa e não exaustiva. Daí acreditarmos que o exposto até aqui seja suficiente para comprovar que uma mudança no plano de expressão lingüística reflete perfeitamente a mudança que ocorre no plano sócio-econômico-cultural.

O cruzamento das informações dá-nos, ainda uma amostra de que há nos Cariris variações diatópicas sensíveis, decorrentes dos hábitos e costumes de cada localidade, da disponibilidade dos recursos naturais e do uso que o homem tem feito do ecossistema. Em uns lugares, espécies vegetais desapareceram primeiro, em virtude da exploração indiscriminada. Em outros, são encontrados vegetais não comuns aos municípios vizinhos. Outras vezes, ainda, acontece de certos procedimentos serem habituais nessa ou naquela comunidade e em outras não.

Verifica-se, por exemplo, que hoje, em Boqueirão o *atoleiro* (01-100,00%) representa perigo comum para o gado que bebe no açude; em Cabaceiras, quando o gado já não encontra sustento em alguma *horta* (02-100,00%), é *pastorado* (02-100,00%) pelo *pastorador* (02-100,00%) no *capim-roxo* (02-100,00%) da beira do rio. A existência de cercados mais ou menos vastos e catíngosos ainda permite que se dê algum caso de rês arisca, que localizada pelo *badalo* (02-100,00%), seja trazida *acabremada* (02-100,00%) para o curral; em São João do Cariri, onde a *malva* (03-100,00%) previne a infecção em vaca que expele a *madre* (03-100,00%), a falta de forragem leva, com freqüência, o fazendeiro a *retirar* (03-100,00%) seu gado. E então o *traquejo* (03-100,00%) é feito cuidadosamente para evitar *desgarradas* (03-100,00%); Taperoá preservou até certo ponto a *jurema preta* (04-54,55%), explorada exaustivamente nos outros municípios e agora, entre os últimos recursos vegetais aproveitados na alimentação do gado, estão a *bananeira* (04-100,00%), a rama de *cenoura* (04-100,00%) e a *taboca* (04-100,00%); em Monteiro, o dono do *criatório* (05-100,00%),

além das *capineiras* (05-100,00%), dispõe do *camará* (05-100,00%), do *moleque-duro* (05-100,00%) e do *alastrado* (05-85,70%) para manter seu gado. Ali o vaqueiro costuma pegar o *búzio* (05-100,00%) e *buzar* (05-100,00%) para chamar o companheiro com quem irá assistir a um *prado* (05-100,00%) ou pegar um *tourote* (05-100,00%), submetê-lo à *tamanca* (05-100,00%) e, após *marcá-lo* (05-100,00%), transformá-lo num submisso *boi de carro* (05-100,00%) apto a *carrear* (05-100,00%). Vale observar que nas séries numéricas constantes deste parágrafo, o primeiro número corresponde ao ponto de inquérito (01 - Boqueirão, 02 - Cabaceiras, 03 - São João do Cariri, 04 - Taperoá, 05 - Monteiro) e o percentual à freqüência de uso na localidade em relação às demais do roteiro da pesquisa.

Tivemos informações de que o carro de bois ainda se acha em uso entre os monteirenses, e os números nos atestam isso, porquanto, entre os jovens, os nomes de certas peças do carro somente aí foram ouvidos: *chacho*, *cheda*, *cocão*, *fueiro*, *meão*, *mesa*.

3 - CONCLUSÃO

Como prevíamos no início de nossa pesquisa, é possível contar a história da criação de gado bovino nos Cariris Paraibanos através dos dados que o material lingüístico revela. Os primeiros espécimes chegaram à região tangidos pelos pioneiros, que, seguindo o curso do Paraíba, instalaram, sucessivamente, currais em Boqueirão, Cabaceiras e São João do Cariri, atingindo, depois, as bacias secundárias e os campos centrais: Taperoá e Monteiro. Após cerca de dois séculos de pecuária extensiva, em pastos comuns, a cerca começou a limitar os espaços. As boiadas foram pouco a pouco perdendo a liberdade de ir e vir. Surgiram métodos revolucionários de melhoramento dos rebanhos e das pastagens. O sistema tradicional de criação se modernizou. Muitos termos que presenciaram aquele primeiro momento deixaram de ser usados na medida em que os referentes foram desaparecendo. As novidades que se apresentavam para marcar uma nova época traziam consigo denominações que atualizavam o acervo lexical.

O gado bravo, criado nos matos, foi se reduzindo a determinados lotes, identificados a ferro em brasa pelo proprietário e limitados a comparti-

mentos onde o arame farpado se tornava o ponto extremo de área disponível. O ambiente se tornou cada vez mais estrangulado. A vastidão dos pastos conheceu os cercados. Estes se dividiram em *mangas*, *revezos* e *currais*, terminando, agora, nos limitados metros quadrados da *cocheira*.

O *barbatão* ou *marruá* indômito dos tempos alencarianos se transformou no *boi cabresteiro* que atende docilmente ao chamado do vaqueiro, e o *boi espácio*, famoso pelas suas pontas projetadas, é hoje o *boi mochado*, inofensivo, que bebe pacificamente no *cocho*. O vaqueiro vai ao campo em horas determinadas e muitas vezes não o faz todo dia. O próprio gado, pelo hábito, procura na hora certa a comida, a bebida e o local onde pernoita.

Pela linguagem dos que já estiveram, ou estão agora, ligados ao pastoreio, podemos depreender a transformação que a atividade vem sofrendo, principalmente nestes últimos cinqüenta anos. A língua, como meio de expressão da cultura de uma comunidade, reflete de imediato o que é próprio de cada época. A palavra se enfraquece na proporção em que o referente vai saindo de uso; nova terminologia toma corpo enquanto retrata a realidade de seu tempo. E o

léxico, depositário da responsabilidade de registrar aspectos lingüísticos particulares, acompanha e põe na memória a história da língua.

4. RECAPITULAÇÕES SUMÁRIAS

4.1. RESUMO

Afastado do litoral agrícola por força de carta régia (1701), o gado, levado pelos pioneiros aos Cariris, consolidou a ocupação do solo e expandiu-se de modo rápido. A pecuária, durante muito tempo extensiva, em pastos comuns, sofreu as primeiras transformações no alvorecer do século XX, quando entrou em prática a modernização dos métodos de criação. O ritmo dessas mudanças vem se mostrando cada vez mais acelerado, mas o boi continua sendo o sustentáculo imutável da economia secular. Logo, grande tem sido a influência do bovino no desenvolvimento sócio-cultural da região, influência que se reflete, como é natural, também na linguagem e na literatura. O léxico, depositário da responsabilidade de registrar aspectos lingüísticos particulares, acompanha e põe na memória a história da língua.

4.2. ABSTRACT

Driven from the agricultural coast by means of a royal decree (1701), the cattle, taken to the Cariris by the pioneers, consolidated the settlement and spread out quickly. Cattle-breeding, extensive for a long time, in ordinary pastures, went through the first changes in the dawn of the twentieth century, when modernization of the breeding methods was put into practice. The pace of these changes seems to have become faster and faster, but the cattle is still the unchanging support of secular economy. Thus, great has been the influence of the bovine in the social

and cultural development of the region, influence that naturally reflects upon language and literature. The lexicon, endowed with the responsibility of registering peculiar linguistic aspects, follows and records the history of the language.

5. BIBLIOGRAFIA

ALENCAR, José de. *O sertanejo*. 3 ed., Rio de Janeiro: José Olímpio: 1955. 398 p.

DOMINGUES, Octávio. *O zebu - sua reprodução e multiplicação dirigida*. 2.ed., São Paulo: Nobel, 1973. 188 p.

GOULAR, José Alípio. *Brasil do boi e do couro*. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1965. 264 p.

JOFFILY, Irineu. *Notas sobre a Paraíba*. Brasília: Thesaurus, 1977. 449 p.

6. NOTAS

i. ALENCAR, J. de, (1955), p. 64.

ii GOULAR, J. A., (1965), p. 19.

iii DOMINGUES, O., (1971), p. 43

iv JOFFILY, I., (1977), p. 212.

POR UMA LEXICOGRAFIA PRODUTIVA: 1.º SEGMENTO DO 1.º GRAU

Nadia Terra Sampaio dos Santos

Mestra em Linguística e Filologia Românica, UFRJ.

1. INTRODUÇÃO

A partir da análise dos dicionários de uso didático nas escolas de 1.º grau, em especial nas de 1.º segmento no Município do Rio de Janeiro, constatamos que nessas escolas ainda não há efetiva e profícua utilização de dicionários, como elementos propiciadores de ampliação vocabular e elucidadores de dúvidas a respeito da significação de palavras desconhecidas.

Nas últimas décadas, as ciências da linguagem têm-se desenvolvido bastante, mas a maioria dos nossos dicionários ainda apresenta estrutura interna tradicional e normalmente são escritos para leitores adultos. O professor de 1.º grau, geralmente, conta com o apoio do livro didático e o trabalho com o léxico passa a ser direcionado pelos autores de livros didáticos que, na maior parte das vezes, substituem os dicionários.

O jogo do “marketing” é o fator determinante para a adoção de dicionários. É unânime a preferência dos professores pelo Mini-Aurélio, devido à intensa divulgação de que é objeto a obra do eminente lexicógrafo.

Inexiste uma tradição brasileira na confecção de dicionários. Assim, os dicionários quando organizados, apresentam insipiência quanto aos critérios lexicológicos, lexicográficos e semânticos. Ora usam-se o método analítico, ora o método sintético. Em alguns verbetes encontra-se o que em lexicografia se chama de circularidade semântica, tal como: *ven- cer* = alcançar a vitória; pode-se encontrar também a explicação de palavra por palavra, sendo esta última também estranha ao aluno: *retorquir* = replicar.

Muitos professores adotam dicionários segundo critérios equivocados e o porte é o principal deles. Pequeno, médio e grande não correspondem obviamente ao grau de desenvolvimento lingüístico da criança, adoles-

cente ou adulto. A escolha dos itens lexicais em cada uma das modalidades parece dar-se de maneira aleatória.

A lexicografia deve, portanto, preencher essa lacuna existente no seu escopo: a produção de dicionários indicados para o público infantil. Levar em conta o estágio cognitivo e a faixa etária do usuário torna-se imprescindível na medida em que, para o aluno do 1.º segmento, o léxico falado é o natural meio de expressão e o léxico escrito ainda lhe é estranho, não familiar. Os métodos de ampliação vocabular e estudo do léxico, nesta fase, devem visar ao prazer da descoberta e conseqüentemente, ao prazer de falar e escrever palavras novas.

O presente trabalho visa à indicação de léxicos a partir da ambiência cultural dos alunos do 1.º segmento do 1.º grau, do repertório doméstico, dos livros didáticos e dos livros extra-classe habitualmente indicados pelos professores. Dentre os dicionários que foram objeto de pesquisa,

somente o Mini-Aurélio é de uso comum entre as escolas e muitas das palavras próprias da ambiência cultural da criança e constantes dos livros didáticos das áreas de estudo do 1.º segmento, não estão presentes no dicionário utilizado. O trabalho proposto é a comprovação de que urge a existência de uma lexicografia mais produtiva e funcional a partir do mundo do usuário receptivo e promissor que é o aluno do 1.º segmento, seja qual for o seu meio social.

Pretende também o trabalho desenvolvido oferecer uma orientação mais segura aos professores e aos usuários dos léxicos a serem propostos, cumprindo o objetivo de ir paulatinamente ampliando o vocabulário do aluno, levando-se em conta a aquisição de novos significados é feita de maneira gradativa. Assim, desfaz-se a falsa crença de que o vocabulário de nossas crianças é “pobre, deficiente”; ele é apenas diferente e a escola, como será avaliado posteriormente, reforça o estigma.

O trabalho realizado é original no que concerne à inexistência de léxicos organizados a partir do “mundo” do usuário. Não existem na bibliografia lexicográfica brasileira, dicionários que preencham essa lacuna. Não se trata de um registro de fre-

quência e não há extensivas listas de palavras supostamente pertencentes ao mundo dos usuários, tenta-se, porém, abranger o problema das falhas quanto ao trabalho com o léxico nas escolas de 1.ª a 4.ª séries através da análise dos manuais constantes dos livros didáticos, de questionários preenchidos por professores e da atividade realizada com os alunos após a leitura extra-classe.

Quanto à questão metodológica, foi feito um levantamento dos dicionários adotados e dos livros didáticos trabalhados pelos professores em três áreas de estudo pertinentes ao currículo do 1.º segmento do ensino do 1.º grau: Comunicação e Expressão, Integração Social e Ciências. O principal foco da pesquisa foi o tratamento dispensado pelo livro didático ao léxico. Foram examinados também livros extra-classe comumente sugeridos pelos professores. Cerca de 90 professores preencheram um questionário onde explicitaram o tipo de trabalho pedagógico que têm desenvolvido com o léxico. Houve, finalmente, o exame contrastivo dos dicionários com os livros de literatura infanto-juvenil.

A elaboração de um dicionário destinado ao público em questão não é tarefa simples: requer exaustiva pes-

quisa e real conhecimento da matéria e do usuário a que se destina.

Se as trocas entre a língua e o mundo são feitas essencialmente pelo léxico, cumpre que professores, autores de livros didáticos e lexicógrafos passem a perceber o aluno do 1.º segmento do 1.º grau como o ser ativo que pretende não só receber, mas também trocar experiências, informações e até mesmo palavras.

2. O LÉXICO

As trocas entre a língua e o mundo são feitas essencialmente pelo léxico. Os sistemas de categorização semântica variam de língua para língua, em função da ligação com a cultura. Tudo que existe na cultura, termo tomado no sentido antropológico, será fixado e veiculado pela língua. Assim, num determinado momento histórico da língua latina havia quatro palavras para designar tio/tia: *avunculus*, *patruius*, *amita* e *matertera*. A existência desses quatro itens lexicais se justificava por causa do código jurídico romano. Línguas modernas como o português (tio/tia), o francês (oncle/tante) e o inglês (uncle/aunt) abriram mão da diferenciação existente em latim.

Edward Sapir (1966) já afirmava que não se pode avaliar uma língua a partir do vocabulário que dela se extrai. Se uma língua possui mil palavras e seus falantes sentirem necessidade de criar outras, usarão dos mesmos recursos: empréstimos, neologismos ou construções de metáforas. Reveste-se o léxico, então, de caráter semiótico inerente à sua função de construir e reconstruir continuamente um sistema de mundo através da língua. De maneira geral, o léxico é o conjunto de unidades codificadas significantes ou signos. O signo lingüístico formado por um significante sensível e por um significado abstrato associado ao elo arbitrário da convenção, remete o significante ao significado. A denotação é determinante na evocação dos objetos do mundo, tornando-os presentes à consciência não tendo tais objetos, muitas das vezes, existência real e verificável, mas sim uma existência sócio-cultural. A denotação provê independência e mobilidade ao signo lingüístico que destarte, pode ser empregado sozinho com um sentido. Além disso, o signo da língua tem o poder de remeter não somente a um objeto, mas a uma classe de objetos. O signo possui, pelo menos, um núcleo de sentido que é ao

mesmo tempo determinado e estável e aquilo a que o signo remete não varia de um contexto para outro.

A palavra lexical representa melhor o signo lingüístico ótimo, como bem o diz Rey Debove (1973), e diferentemente da palavra gramatical ela é semanticamente independente da situação e da enunciação. O sentido da palavra lexical, como já foi mencionado anteriormente, está plenamente codificado e as circunstâncias de seu emprego quase não a modificam, senão para enriquecê-la provisoriamente com uma referência particular. O conjunto das unidades submetidas às regras de gramática de uma língua constituem o léxico dessa língua. Os dois, gramática e léxico, tornam possível a codificação (produção) e a decodificação (compreensão das frases dessa língua).

O léxico apresenta amplitude capaz de compor um sistema de mundo, ele é o domínio da língua menos especificamente lingüístico e se reporta ao universo referencial, físico e cultural em que se situa o homem. Como afirma Hegel, a palavra, só o conceito da qual recebe seu estatuto de indivíduo no universo mental, essa palavra acrescenta sua realidade própria ao conceito, ao mesmo tempo, o conceito encontra na palavra uma

fixação e limites. Para exprimir e estruturar seu pensamento, o indivíduo utiliza a palavra lexical, mas o dizível nem sempre se pode exprimir por uma palavra única: é necessário um grande número de palavras diversamente combinadas. A partir desse ponto, torna-se necessário abordar a questão sintagmática. Os sintagmas funcionam como uma perífrase que tem valor de palavra, mas que não está codificada como a lexical. A perífrase é arbitrária, cada pessoa é livre para construir sua perífrase como quiser. Entende-se, portanto, que a palavra lexical pertence a um conjunto infinito, sem dúvida em expansão, em evolução semântica e sócio-cultural. Tanto no plano real como no imaginário, a nominalização é importante e fornece a seres imaginários existência concreta. Para ilustrar valho-me do exemplo de Rey-Debove: a mulher com cauda de peixe que tem nome de sereia, tem para nós muito mais "realidade" que a mulher com cabeça de ave que não tem nome nenhum. A palavra lexical, inegavelmente, lega existência às idéias, conceitos ou coisas que necessitam de existência para funcionarem como intermediadores, explicadores ou organizadores do mundo. É de fácil constatação a for-

ça da palavra no que concerne à sua capacidade de provocar mudanças num mundo tão antagônico como o nosso.

O substantivo é a mais representativa das palavras lexicais, pois é fundamental em todo e qualquer tipo de enunciação. Mesmo quando dizemos: -Vem!, subentende-se existência do substantivo apelativo. O falante desde a mais tenra idade, expressa-se por substantivos e eles constituem, por assim dizer, a base lexical de uma língua. Eles nos permitem organizar o mundo construindo classes de objetos, de fatos, de pessoas etc., e é por essa classe que o léxico tende a escapar do sistema da língua. A palavra lexical, representada principalmente pelo substantivo, une o sistema imanente duma língua a tudo o que não é ele: ao mundo e às outras línguas e escapa parcialmente às leis da gramática e até à semiótica lingüística. Essa fundamental classe de palavra tem o privilégio de ser o “recepcionista” da língua e tudo na linguagem pode ser transformado em substantivo. Isso advém do fato de exprimir o nome, “o objeto de que se fala” e também do fato de se poder falar tudo. Com o avanço das técnicas e o progresso das ciências, surge a ne-

cessidade de dar nome ao que é criado e quando as coisas novas vêm do estrangeiro, elas já têm um nome e mesmo que a língua aceite tal empréstimo, a palavra pode ser incorporada e sujeitar-se às regras gramaticais da língua que a tomou. Em xerox houve o aparecimento de derivados.

Palavras técnicas são mais resistentes ao aportuguesamento, embora o Novo Aurélio registre copidesque e copirraite, palavras inglesas já adaptadas ao sistema fonético do português.

2.1. ESTUDO DO LÉXICO: ABORDAGEM PRAGMÁTICA

O léxico de uma língua está em permanente estado de ampliação e o campo das trocas reais ou possíveis é um estado de língua de curta duração. A duração máxima duma sincronia prática é a que pode projetar-se na memória (transformação do tempo histórico vivido em experiência presente), isto é, a duração duma vida humana. Novas palavras podem surgir para suprir as chamadas casas vazias vocabulares que representam objetos culturais igualmente novos. Este seria o caminho da neologia. Por outro lado, dado o caráter polissêmico do léxico,

um item lexical pode receber expansões de significados.

É impossível adquirir competência lexical ótima na medida que os campos lexicais e semânticos apresentam diferenças e significações de difícil delimitação. As unidades lexicais estão em constante renovação e dentro da imensa massa lexical, encontram-se palavras restritas à determinada classe de indivíduos; são os idioletos, que contêm como componentes lexicais os vocabulários individuais. Cada indivíduo tem seu próprio vocabulário que pode ser ativo ou passivo. A quantidade de palavras conhecidas, como também a natureza das mesmas ‘que singularizam o vocabulário. Os idioletos, todavia, têm como grande parte de palavras em comum e esse fator garante a comunicação e a realidade do léxico.

O aluno que a escola de 1.º grau recebe tem uma forma especial de ver a cultura e o seu vocabulário é uma prova disso. Seja qual for o seu nível sócio-cultural, ele pode apelar para o seu sentimento lingüístico e perceber a adequação ou não do seu léxico às diversas situações de aprendizagem. Através da leitura o indivíduo consome o léxico e este pode tornar-se mais variado a partir desse contato,

dependendo essa relação do escopo ideológico, que deve ter como consequência natural a escrita, tendo a escrita a possibilidade de manifestar o sentido da palavra e empregá-la dando a perceber que as palavras não têm significado transcendental, elas vêm do discurso ou mundo das essências, ou da história, ou da própria forma natural delas. Discursar, dizer, não é apenas informar, comunicar ou inculcar (como pretende o discurso autoritário da instituição escolar), é também reconhecer pelo confronto ideológico. Tomar a palavra é um ato dentro das relações de um grupo social. As palavras buscam sentido e voz no discurso pedagógico, porque há, em relação à escola, uma seleção que decide de antemão quem faz parte dela e quem não faz, quem está em condições de se apropriar desse discurso e quem não está. Há, entretanto, um outro processo interno, que não é da simples seleção, mas o do esmagamento do outro.

Perceber que o estado lexical pode ser profícuo e ampliar o texto que cada indivíduo traz dentro de si, para que o mesmo seja capaz de produzir outros textos e não apenas reproduzir, deveria ocorrer com os mestres que se propõem a inovar em

pedagogia da língua portuguesa. Contudo, o estudo lexical tem-se resumido a simples “lições de vocabulário” e o dicionário, obra lexicográfica de imenso valor cultural, ainda é mal conhecido e utilizado inadequadamente.

Ao tecer o próprio discurso, o falante sente vibrar a força e magnetismo das palavras, instrumentos do sentido e conseqüentemente, da expressão. O aluno que deseja escrever necessita de subsídios básicos que melhorem a sua escritura, o sentido de certas palavras que lê ou que ouve, deveria ser esclarecido através do dicionário, mas os dicionários não resolvem a maioria das questões relativas às dúvidas dos alunos, porque não existem dicionários elaborados a partir do universo e das necessidades do usuário referido anteriormente, os dicionários existentes são tipo-padrão em miniatura. Constatase com certa clareza que os chamados dicionários infantis constituem mais um apelo do “marketing” editorial do que uma efetiva contribuição para o aumento do vocabulário dos falantes.

2.2. DICIONÁRIO E DEFINIÇÃO LEXICOGRAFICA

E dentro do momento histórico da evolução da língua e dentro de uma determinada norma cultural que se enquadra o tesouro vocabular de uma língua. Jean Dubois afirma que essa norma não é definida apenas pela aceitabilidade de todos os termos e de todas as frases contidas no dicionário, mas também por aquela dos enunciados engendrados pelo modelo sócio-cultural. Os termos não remetem apenas às palavras da língua, eles não são somente objetos da metalíngua lingüística, eles remetem também a enunciados culturais, a uma visão de mundo. (...) o dicionário visa tornar-se norma explícita da cultura da comunidade. A sanção lexicográfica se identifica com a sanção pedagógica: aquele que emprega termos não contidos no “tesouro” comum, destoa da norma lexical acordada socialmente.

Para os falantes brasileiros, a função normativa tem sido exercida e monopolizada pelo *Aurélio*. Remetendo o dicionário, tanto à língua quanto à cultura, constitui esse instrumento cultural o mais importante consulente dos falantes do idioma e deve ele dirimir dúvidas inequivocamente. A entrada léxica nem sempre é definida adequadamente e tal fato torna a tarefa lexicográfica improdutiva. No

que concerne aos dicionários destinados ao público mais jovem das escolas de 1.º grau, verifica-se que o repertório lexical e a tipologia

dos mesmos, nem sempre convêm ao usuário. Um dicionário elaborado para o tipo de usuário referido deve atender às dúvidas do consultante sobre a sintaxe (regência preposicional, combinações possíveis), deve informar também sobre o(s) sentido(s) das palavras ou sintagmas lexicalizados, deve analisar a forma do vocábulo-entrada e informar o paradigma, se for o caso e por fim levar em conta a questão da variação vocabular.

Esse "corpus" representativo da língua falada escrita fornecerá as abonações dos significados, dos usos e das construções das palavras-entrada do dicionário. O banco de dados deve, necessariamente, incluir todas as variantes escritas da língua. Este arquivo constaria de textos literários, jornalísticos, textos específicos de livros de Ciências, Estudos Sociais ou Matemática, textos constantes de leituras extra-classe.

Não é de maneira uniforme que as palavras se dispõem no léxico e alguma têm mais do que outras a oportunidade de serem empregadas com

freqüência. Só assume real valor a palavra aceita, retomada e repetida, sendo a soma de seus empregos tão importante quanto a sua diversidade de sentidos. Ao aluno deve ser permitido saber que as palavras mais freqüentes são as de formação popular e que as mesmas são suscetíveis do maior número de significados. Ao inverso do vocabulário freqüente, o vocabulário disponível é constituído de palavras de freqüência fraca e pouco estável, mas usuais e úteis que estão à disposição do locutor. Juntando-se o vocabulário freqüente com o vocabulário disponível, temos o vocabulário necessário.

O dicionarista deve também dar relevância aos sintagmas lexicalizados e o sentimento lingüístico desse especialista, ou mesmo de falantes não especialistas, também podem auxiliar na inserção de sintagmas portadores de forte tendência à lexicalização. As expressões idiomáticas são de imensa força semântica enriquecendo o trabalho com o léxico e resgatando o elemento popular, próprio e espontâneo que subjaz à língua. A definição do léxico é de extrema dificuldade porque a significação não é estável e fácil de se delimitar. Há mecanismos sócio-culturais que interagem sobre o vocabulário, amplian-

do-o, restringindo-o e alterando-o para que possa designar noções e objetos novos, existindo também possibilidades e latitudes do sistema lingüístico que numa perspectiva diacrônica (observando a trajetória histórica da palavra) ou sincrônica (dando conta da repartição de um conteúdo semântico numa multiplicidade de palavras desenhando as redes das relações dessas palavras). O sentido de uma palavra não é legível senão através das malhas da estrutura.

Os contextos é que servem para abonar os significados, as construções e os usos a serem registrados. Os contextos ideais são os que melhor explicitam o sentido, uso ou construção que se quer descrever, os que efetivamente representam uma boa linguagem e os que documentam os diferentes registros lingüísticos, os vários níveis de linguagem.

A definição da palavra-entrada, em termos objetivos, deve ser a paráfrase dessa palavra, equivalente a ela semanticamente. A paráfrase deve ser redigida em linguagem simples e formulada utilizando-se palavras freqüentes na língua, principalmente quando se trata de dicionários destinados a crianças ou adolescentes, a seleção deve ser feita em trabalhos

pedagógicos e em listas de frequência a serem elaboradas por lexicógrafos. A definição lógica, como sempre, aplica-se à classe dos substantivos, podendo às vezes, ocorrer o mesmo com os verbos, mas as demais classes de palavras não admitem tal tipo de definição. A definição lexicográfica e a definição lógica tendem a identificar de modo inequívoco o objeto definido de tal modo que ele contraste, por um lado, radicalmente, com todos os outros objetos suscetíveis de definição. Distinguindo a unidade léxica através da enumeração dos seus traços semânticos mais importantes, a definição deixa de ser lógica e se apresenta meramente lexicográfica.

2.3. DEFINIÇÃO LEXICOGRÁFICA E SEMÂNTICA: POLISSEMIA, SINONÍMIA, ANTONÍMIA E HOMONÍMIA

Os signos lingüísticos mais frequentes são, por via de regra, os mais polissêmicos. Atualmente, os dicionaristas gradam os significados com base na sua maior frequência de uso, isto é, dos sentidos mais comuns aos menos frequentes. O sentido mais geral e não marcado deve figurar em 1.º lugar. Em segundo lugar, os sentidos mais especializados são marcados. A seguir, em terceiro lugar, tem-se os sentidos

técnicos e em quarto lugar indicam-se os valores semânticos nas variedades lingüísticas mais restritas (regionalismos). Em quinto e último lugar, são registrados os sentidos obsoletos (caso dos dicionários de grande porte).

O lexicógrafo que se propõe a elaborar um dicionário para um público mais jovem, deve analisar cuidadosa e criteriosamente o leque de significados da palavra polissêmica e captar os traços semânticos que distinguem os vários sentidos de um vocábulo. Como é de se supor, os valores semânticos concretos ou primários antecedem os significados metafóricos. A noção de polissemia é essencialmente sincrônica e como tal,

corresponde a uma necessidade imprescindível para o bem funcionamento da língua. Através da polissemia a lei da economia lingüística é estabelecida: o mesmo signo é reaproveitado várias vezes fazendo variar o significado. Quando ao aluno é dado o “poder” de realizar comutações e avaliar como uma palavra pode carregar-se de vários sentidos, há um crescimento lingüístico inigualável e vários fatores estruturais concorrem para que o sentido de uma palavra seja percebido. O contexto imediato é que vai delimitar o

sentido do signo e é ele o fixador de sentido resolvendo a ambigüidade. É inerente ao estudo do léxico a questão polissêmica, pois o fato de captar os sentidos e resolver as ambigüidades, observando os processos derivação imprópria, metáfora e metonímia, instrumentaliza o aluno a utilizar de maneira mais consciente e eficaz o léxico da sua língua, caminhando além das complexas relações lexicais e além da tradicional estrutura de sua língua, chegando a uma leitura de tipo novo, a que chamam Émile Genouvrier e Jean Peytard de “rede das relações semio-lexicais”, quando o poeta reestrutura no léxico geral seu próprio vocabulário e as palavras assumem um sentido novo graças a essa reestruturação, carregam-se semanticamente e conotam.

Para que o falante perceba a conotação é necessário que todas as possibilidades de sentido do signo lingüístico tenham sido avaliadas. Essa é uma das principais falhas dos dicionários editados para o público escolar: os graus de polissemia de diversas palavras não são avaliados com a adequada atenção.

Já a sinonímia é definida como a equivalência entre palavras diferentes. Não existem sinônimos, em virtude da riqueza e flexibilidade da

língua nos seus diversos matizes de usos afetivos, sociais, técnicos e científicos. Às vezes as palavras são comutáveis, apenas em níveis de língua diferentes e traduzem as diferentes atitudes afetivas do locutor. O locutor pode sentir uma equivalência realizada com variantes devido ora ao contexto social, ora aos níveis de língua. A sinonímia tem limites e por ocasião do estudo do vocabulário, esses limites precisam ser traçados. É muito importante que os dicionários forneçam sinônimos para que o usuário conheça as relações semânticas e amplie a sua competência vocabular.

Ao lexicógrafo cabe situar a palavra-entrada dentro da rede de significações de que ela faz parte explicando simultaneamente o valor dos demais componentes do mesmo campo léxico. A estratégia do contraste tem enorme efeito esclarecedor e distintivo para a mente humana. A riqueza semântica verificada a partir da significação próxima de sinônimos, antônimos e parônimos, é matéria que merece atenção e reflexão pedagógica, pois o uso lingüístico desses elementos, estabelece especificações que enriquecem o conteúdo lexical dos falantes.

A explicitação da antonímia é de expressiva utilidade em um verbete. Um grande número de palavras do léxico têm estrutura binária formando pares contrários. O significado pode ser eficazmente elucidado se a palavra for situada duplamente no campo semântico de que faz parte ou opondo-se ao campo semântico do(s) seu(s) contrário(s). O contraste faz com que o significado seja claramente percebido.

Os parônimos, palavras de forma parecida, ou ainda os cognatos da mesma família de palavras, também auxiliam na compreensão da palavra-entrada consultada. Como exemplifica Maria Tereza Bidermann (): quando consultamos *emigrante* somos remetidos a *imigrante*, em *flagrante* se remete a *fragrante*. As peculiaridades lingüísticas são de grande valia para efeito-contraste que elucidam o sentido das palavras de maneira mais proveitosa.

Tanto no fenômeno da homonímia quanto no da polissemia, o locutor depara com um só significante e vários significados. No caso da polissemia, várias acepções são atribuídas a uma palavra única e no caso da homonímia, palavras que têm a mesma forma fônica (homofonia) e às vezes a mesma forma gráfica

(homografia) se distinguem pelo sentido. A convergência homofônica e a divergência semântica são fenômenos distintos que se reportam à evolução da forma de duas palavras para o mesmo significante (a partir de etimologias diferentes) e uma cisão semântica no significado de uma palavra única. No caso da convergência homofônica, palavras como *sessão*, *seção* e *cessão* têm com causa da homofonia homonímica, a evolução fonética que fez evoluir a palavra desde a forma latina até a forma portuguesa.

A divergência semântica é, por outro lado, fenômeno associado ao fato de as várias acepções para a palavra terem como origem uma palavra única. É interessante perceber que os múltiplos empregos da mesma palavra ao longo do tempo fazem como que as noções transmitidas por essa palavra sejam tão distintas que a mesma cobertura fônica, como afirma Genouvrier, parece pertencer a duas ou mais palavras como é o caso de *paquete* (grande navio a vapor) e *paquete* (menstruação).

Os homônimos têm caráter ambíguo e complexo. O dicionarista ao definir palavras homônimas deve ter em mente que a complexidade ortográfica torna a leitura menos ambígua,

exercendo papel lingüístico importante e que somente os elementos contextuais resolvem a homonímia. Talvez o mais complexo problema para os lexicógrafos seja o dos homônimos porque remete à questão etimológica, visto que os homônimos eram comumente distintos através de entradas diferentes no dicionário. Pode ser esta a maneira mais coerente de se definir uma palavra que apresente o fenômeno homônimo e a abonação dos homônimos deve ser feita clara e precisamente.

A prática leva a crer que é extremamente difícil a tarefa lexicográfica de percorrer os campos lexicais e semânticos em sua multiplicidade e diversidade, ampliando o léxico individual do aluno quantitativa e qualitativamente. O leque de opções que se abriria a partir desse trabalho seria imenso, todavia apresenta entraves pedagógicos e não há dicionários que preencham essa lacuna.

Entendemos por campos lexicais os conjuntos de palavras que a língua agrupa ou inventa para designar os diferentes aspectos ou diferentes traços semânticos de uma técnica, de um objeto, de noção. Há, por exemplo, o campo lexical do sistema financeiro, da aviação. O vocabulário, reflexo do léxico num enunciado,

melhora quantitativamente e atualiza-se quando os campos lexicais são examinados, tomando-se por base a experiência do aluno e sua situação sócio-cultural. O campo lexical reúne em torno de uma noção todas as palavras que permitam definir-lhe a extensão e a compreensão.

Já o estudo do vocabulário relacionando os campos semânticos é de extrema riqueza qualitativa. Definimos os campos semânticos pelo conjunto de empregos de uma palavra (ou sintagma ou lexia) onde e pelos quais a palavra adquire uma carga semântica específica). Para delimitar-lhes empregos, faz-se o levantamento de todos os contextos imediatos que a palavra recebe num conjunto lexical dado. Destarte, as questões de polissemia, sinonímia, antonímia podem ser trabalhadas com minúcia e atenção, isto é, explorando os campos semânticos o aluno distingue os matizes de uma palavra e ao mesmo tempo multiplica os usos dela. Instaura-se nesse ponto outra polêmica de base pedagógica: a interdisciplinaridade, elemento que poderia atuar no sentido de enriquecer o universo vocabular dos alunos e tomar o estudo do léxico como matéria de todas as disciplinas, logo de

real interesse para alunos e professores.

Textos orais e escritos, portadores de múltiplo repertório lexical, devem ser trazidos e analisados lado a lado dentro da sala de aula, comparados e vivenciados. Geralmente o que acontece em nossas escolas, como afirma Marilena Chauí, é sermos obrigados a nos despir de tudo que é vida lá fora ao atravessarmos a soleira da porta da escola.

3. ABORDAGEM LEXICAL EM EXERCÍCIOS ESCOLARES, LIVROS DIDÁTICOS E PARADIDÁTICOS NO 1.º SEGMENTO DO 1.º GRAU

Sendo a presente monografia da real necessidade de se aprimorar o trabalho com o léxico em nossas escolas de ensino básico, notadamente as públicas municipais, professores e alunos foram requisitados a participar com importantes informações. Através de questionários aplicados a professores do 1.º segmento de ensino e até mesmo a professores de colégios particulares, ficou constatado que é unânime a preferência pelo minidicionário de Aurélio B. de Holanda devido à intensa divulgação de que é objeto. Entretanto 54% dos professores a-

firmaram já haver encontrado palavras difíceis em desacordo com a faixa de seus alunos. O exercício menos freqüente, portanto, é a tradicional verificação das palavras sublinhadas do texto no dicionário. O exercício menos freqüente, somente 9 professores afirmam aplicar esse tipo de exercício, é o que consiste na listagem de palavras que pertençam à mesma área do conhecimento. Houve um significativo número de abstrações evidenciando desinteresse dos professores ante o trabalho pedagógico como o léxico.

A partir de leituras extra-classe, verificou-se o mau uso que os falantes fazem do dicionário desde as primeiras séries escolares. Os alunos tiveram inúmeras dificuldades dentre as quais podemos destacar o desconhecimento da forma como as palavras vêm registradas no dicionário. O trabalho com o dicionário não foi funcional, parece ter havido automática consulta ao dicionário, sem que o significado nebuloso fosse esclarecido.

Ex: Raro - de que a pouco não abundante. Obs.: Constatamos que abundante é tão desconhecido quanto raro.

Cansado - exaustão, fadiga.

Ruínas - restos de edifícios desmoronados.

Ironiza - não tem o significado desta palavra no dicionário.

Os professores, de maneira geral, não lançam mão de leitura extra-classe e quando elas acontecem, têm como objetivo principal exercícios escritos, questionários ou listagem de palavras desconhecidas.

Quanto à abordagem lexicográfica nos livros didáticos dirigidos ao segmento de ensino em questão, nas três áreas de estudo a seguir respectivamente (comunicação e expressão, estudos sociais e ciências), constata-se a existência de exercícios pouco criativos e que não levam efetivamente à melhoria da competência vocabular dos alunos. Muitas vezes o manual apresenta teorias lingüísticas modernas e interessantes, mas o livro não corresponde à expectativa, ou seja, à prática não precede a teoria. Foram analisados 12 livros didáticos de Comunicação e Expressão e apesar de a maioria apresentar glossários, demonstram preocupação com as formas dicionarizadas e nem tampouco remetem ao dicionário.

Quanto aos livros de Estudos Sociais e Ciências a situação não é diferente,

ou melhor, é mais difícil. Raramente estes livros apresentam glossários, tornando o ensino dessas áreas de estudo mecânico e massante. No que diz respeito às matérias mencionadas, o estudo de campos semânticos, campos lexicais e mesmos a remissão a termos cognatos seriam de extrema utilidade. Ao estudar por exemplo as Capitâneas Hereditárias, o glossário seria de extrema utilidade, estimulando a reflexão e a ampliação do vocabulário. Tal trabalho provavelmente reduziria as dificuldades para o entendimento de termos próprios de Ciências, História e Geografia no 2.º segmento do 1.º grau de ensino. O léxico tem caráter polisêmico, recebendo expansões de significados e apresentações em permanente estado de ampliação. Objetos culturais novos requerem palavras novas e deve ser escopo do livro didático, aliado ao dicionário, que por sinal é insubstituível, a constante ebulição por que passa o léxico de uma língua, procurando transmitir ao aluno essa idéia dinâmica e procurando levá-lo também a efetiva construção de conceitos.

4. PROPOSTA DE LEXICOGRAFIA PRODUTIVA

O livro didático que melhor en-

foca a palavra, abordando a questão lexicográfica é *A palavra é sua* de Celso Pedro Luft. Neste livro, mesmo sendo ele destinado a alunos de 5.^a série, o enfoque lexical é plenamente apropriado a alunos do 1.^o segmento. Nele o estudo do vocabulário ocupa um espaço maior que nos congêneres. Apresenta seções que tratam da palavra no contexto intencionalmente e nunca isoladamente, onde o aluno poderá perceber o significado único, a força específica e a sonoridade exclusiva de cada palavra. Talvez pelo fato de ser dicionarista, Celso Luft criou em seu livro didático a seção. A palavra dicionário e através desta seção que aparece em alguns capítulos do livro, ele informa sobre aspectos constitutivos dos dicionários e sobre termos associados ao dicionário, primordialmente procura não levar o jovem consultante a se interessar pela consulta do dicionário.

Até mesmo a abordagem gramatical é relegada a segundo plano e quando ela acontece há a preocupação constante em contextualizá-la, sendo ressaltados também aspecto semânticos.

Todas as iniciativas empreendidas para que sejam resolvidos os problemas relativos ao trabalho pedagógico com o léxico que, como já se

avaliou anteriormente, alicerça o conhecimento e todas as informações veiculadas na escola, são de fundamental interesse para aqueles que se dispõem a inovar e melhorar o ensino da língua materna. No sentido de transformar o trabalho lexicográfico em produtivo e por assim dizer efetivo, devem confluír cientistas da língua, professores e autores de livros didáticos, para que se conceba a questão sob enfoques psicológicos, sociológicos e antropológicos, enfatizando procedimentos metodológicos e pedagógicos para orientar a organização de dicionários para crianças.

5. CONCLUSÃO

Goldmann, em a *Criação Cultural na Sociedade Moderna*, 1972, aborda os bloqueios existentes na transmissão da informação nas diferentes instituições educacionais. Quando não se tem clareza do que pode estar dificultando a comunicação por intermédio de palavras, ou seja, através de textos, reuniões, aulas expositivas ou outras formas de comunicação verbal ou escrita, deve-se tentar detectar as causas e as peculiaridades do problema em todos os seus níveis, até encaminhar soluções.

No tocante à ineficácia do trabalho lexicográfico no primeiro segmento do 1.^o grau, é flagrante a necessidade de se conhecer melhor os alunos aos quais o trabalho se destina e urge que se descubra meios eficazes de transmissão das informações à respeito das palavras, seus significados e sentidos. À medida que a palavra for trabalhada como elemento imprescindível e propulsor da comunicação verbal, os dicionários passarão a ter utilidade efetiva dentro das salas de aula.

Goldmann preocupa-se em discutir as possibilidades de transmissão de informação afirmando que é importante para aquele que quer intervir na vida social, saber quais são, num dado estado, numa dada situação, as informações que se podem transmitir, as que passam sofrendo deformações mais ou menos importantes e aquelas que não podem passar. Quanto a esse problema, Goldmann apresenta quatro instrumentos de análise diferentes.

Em primeiro lugar, freqüentemente uma informação não passa por falta de informação prévia. Palavras simples, supostamente pertencentes ao léxico individual dos alunos, são arroladas pelos próprios usuários dentre as palavras de sentido nebu-

loso. Professores nas diversas disciplinas e matérias queixam-se da pobreza vocabular dos alunos, mas soluções não são sequer sugeridas para esse problema.

Um segundo instrumento de análise é o da estrutura psíquica do indivíduo que não deixa passar determinadas informações porque não houve transformação da consciência sobre um plano puramente psicológico, fora de qualquer mudança social. Inúmeros professores apresentam-se impermeáveis a qualquer proposta de mudança e resistem freqüentemente a argumentos contrários à crença de que criança pobre tem vocabulário pobre e diferente, não aprendendo o léxico que a escola lhe quer impor porque é inferior.

O terceiro instrumento de análise é sociológico. É aquele em que um grupo social particular de indivíduos dada a estrutura de sua consciência real, resultante do seu passado e de múltiplos acontecimentos que atuam sobre ela, resiste à passagem de certas informações.

Professores também resistem em aceitar os problemas relativos à questão lexicográfica nas escolas públicas como passíveis de solução ou como efetivamente relevantes.

Além disso, não buscam reciclagem, descredita nas mudanças e não crêem mais na função social da escola. Decerto a responsabilidade pelo fracasso da escola deve ser atribuída aos mecanismos governamentais que tão poucas possibilidades e chances de mudanças reservam à educação. A postura dos professores é um reflexo desse fato.

Finalmente, Goldmann apresenta o que Marx chamou de limites de consciência possível, que é o caso em que para obter a transmissão, o grupo enquanto grupo deve desaparecer ou transformar-se a ponto de perder as suas características sociais essenciais. A transmissão de algumas informações é incompatível com as características fundamentais de um determinado grupo social. Todo grupo conhece de maneira adequada a realidade, porém seu conhecimento não pode ir senão até o limite máximo compatível com a sua existência. Só ultrapassa esse limite se for conseguida a transformação da estrutura do grupo, exatamente como nos casos dos obstáculos individuais, as informações só podem passar se se transformar a estrutura psíquica do indivíduo.

A maioria das escolas se constituem e funcionam de forma hierarquizada

e autoritária. Assim sendo, as propostas teórico-metodológicas que implicam relações democráticas podem não ser sequer entendidas ou entendidas de maneira deturpada. Para que a atuação dos professores junto aos alunos que iniciam suas incursões pelo léxico da língua portuguesa seja produtiva, é necessário que a escola reavalie a pedagogia do ensino do Português e venha a intervir na desanimadora realidade do trabalho como o léxico, mormente em nossas escolas públicas.

6. RECAPITULAÇÕES SUMÁRIAS

6.1. RESUMO

O presente trabalho pretende orientar professores, lexicógrafos e profissionais que se ocupam de ciências da linguagem, no que concerne a uma abordagem mais eficiente e produtiva do léxico nas escolas públicas municipais de 1.º segmento do 1.º grau.

Por meio da análise de livros didáticos, de questionários aplicados a professores de 1.ª a 4.ª séries e do contraste de livros extra-classe com os dicionários adotados em sala de aula, puderam ser avaliados os antagonismos e descaminhos que per-

meiam o ensino do léxico da língua portuguesa nas escolas públicas.

6.2. ABSTRACT

The aim of the presente work is to show the inadequate treatment dispensed to the lexicon of the portuguese language either in didactic books or in the pedagogical work developed in the public schools of "1.º segmento do 1.º grau do município do Rio de Janeiro".

Although the sciences of language have been developed, most of our dictionaries are directed to grown-ups. Effective and good dictionaries for students who are still initiating in the learning of written language don't exist at all.

The present work is to indicate the necessity of a new pedagogical treatment for the lexicon in our elementary schools and to show that in order to provide children with an effective and productive learning of their own language it's necessary that all professionals involved in the transmission of information about language or through the language begin to worry seriously about this subject.

7. BIBLIOGRAFIA

BASÍLIO, Margarida. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática, 1990.

_____. *Estruturas lexicais do português: uma abordagem gerativa*. Petrópolis: Vozes, 1980.

BIDERMANN, Maria Tereza Carmargo. (Org.) *Revista Alfa*. São Paulo: UNESP, 1984.

BRANCO, Regina Maria Fernandes Castelo *et alii*. (Org.) *Documento: subsídios para análise do livro didático*. Rio de Janeiro: Departamento de Ação Pedagógica do Município, 1992.

CAGLIARI, Luís Carlos. *Alfabetização e Lingüística*. São Paulo: Scipione, 1992.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda; Assistentes: Margarida dos Anjos *et alii*. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 1ª ed. (10ª impressão). [Rio de Janeiro]: Nova Fronteira [s. d.] XIX + 1499 p.

GENOUVRIER, Émile & PEYTARD, Jean. *Lingüística e ensino do português*. Coimbra: Livraria Almedina, /s.d./.

HOUAISS, Antônio. *O que é língua*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

KATO, Mary. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolingüística*. São Paulo: Ática, 1986.

LUFT, Celso Pedro. *Minidicionário Luft*. São Paulo: Scipione, 1991.

SOARES, Magda. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. São Paulo: Ática, 1989.

Obs.: A parte prática do trabalho foi elaborada com o auxílio de vários livros didáticos nas áreas de Comunicação e Expressão e Estudos Sociais e Ciências, assim como de outros livros extra-classe.

GALEGO E PORTUGUÊS MODERNOS: UM ESTUDO COMPARATIVO

Alfredo Maceira Rodríguez

Mestre em Filologia Românica e Doutor em Linguística, UFRJ.

1. INTRODUÇÃO

O galego e o português têm a mesma origem. Na Alta Idade Média o latim vulgar da Península Ibérica foi-se modificando, dando origem a vários dialetos chamados romances (ou romances). A faixa mais ocidental da Península (hoje a Galiza e Portugal) foi romanizada tardiamente, portanto sua romanização foi menos intensa do que no resto da Península. Com a saída dos romanos (séc. VI), o latim ainda permaneceu por muito tempo como língua escrita, mas a influência do romance falado já se fazia sentir, como provam os documentos que chegaram até nós. Posteriormente, os novos romances passaram também a ser usados na escrita, dando origem às modernas línguas neolatinas, algumas tornando-se línguas oficiais das nações emergentes.

Do século XIII e seguintes conservase uma grande quantidade de cantigas, que provam a existência de uma fecunda escola literária no romance local, na que militavam, autores ga-

legos e portugueses, além de outros de diversas partes da Península. A língua usada era o romance ocidental ou galego, embora nessa época (século XII) ocorre-se a separação política entre Portugal e a Galiza. A partir de então, a Galiza ficou formando parte do reino de Leão (posteriormente de Castela) e Portugal tornou-se um país independente. A língua desta nova nação (até então a mesma da Galiza) sofreu alterações, devido à expansão do país para o sul, onde recebeu contribuições dos moçárabes até tornar-se uma nova língua. O centro lingüístico irradiador do português passou a situar-se no sul, pelo que se foi afastando do galego e dos dialetos do norte de Portugal, contudo, mesmo depois da independência, a literatura - chamada trovadoresca, devido à influência provençal -, continuou sendo escrita em uma espécie de *koiné* literária, denominada modernamente galego-português.

A partir do século XV, o português seguiu seu rumo como língua nacional e o galego permaneceu quase

sem cultivo literário durante vários séculos, pois a língua oficial era, e ainda é, o castelhano. No entanto, o galego permaneceu até hoje como língua oral, particularmente nas áreas rurais, onde a penetração da língua oficial é menos intensa.

No séc. XIX, o Romantismo redescobriu as raízes das nacionalidades e, entre estas, uma das mais importantes é a língua. Na Galiza houve um importante renascimento literário, retomando as tradições e valores da terra e do homem galego. Surgiram grandes literatos, entre os que destacam Rosalía de Castro, Curros Enríquez e Francisco Añón.

O cancionero popular mostra-nos ainda hoje o feminismo acentuado da poesia lírica; e não é certamente devido ao acaso que a Galiza possui na sua história literária o mais admirável temperamento lírico da Península e talvez da Europa: Rosalía de Castro.¹

Em 1936 iniciou-se na Espanha uma sangrenta guerra civil que culminou numa longa ditadura, que reprimiu as nacionalidades periféricas, não

favorecendo o cultivo de suas línguas.

Com a volta da democracia à Espanha, as regiões históricas tradicionais obtiveram sua autonomia, podendo também usar sua língua, paralelamente ao espanhol, língua oficial de todo o Estado. Atualmente o galego possui o *status* de língua oficial na Galiza. O governo da Comunidade Autónoma (Xunta de Galicia) estimula o uso de galego em todos os setores da comunidade. Os meios de comunicação ainda usam o espanhol em sua grande maioria. Dos 4 ou 5 grandes jornais diários existentes, somente um usa totalmente o galego (*O Correo Galego*), enquanto os outros lhe abrem alguns espaços, porém são jornais em espanhol. Algo semelhante ocorre com as revistas e demais publicações periódicas. Há uma rádio e uma televisão que usam o galego, enquanto as outras usam majoritariamente o espanhol. Existem também muitas publicações bilíngües de instituições oficiais ou empresas particulares. De um modo geral, a Galiza é uma comunidade bilíngüe. Em quase todas as atividades usa-se o galego, falado e escrito, nas relações locais, e o castelhano nas comunicações com o resto da Espanha ou com o exterior.

A literatura em galego vem cultivando todos os gêneros e tem produzido muito nesta nova fase. Estão surgindo muitos escritores e poetas.

2. O GALEGO MODERNO

Como dissemos, o galego passou vários séculos sem cultivo literário, relegado à condição de dialeto falado e sem prestígio (no sentido social do termo) o que ocasionou sua dialetalização, devido à ausência de qualquer norma. Faltava uma gramática normativa e uma tradição literária para que pudesse haver alguma uniformidade na língua escrita. Ignorou-se durante séculos a existência da literatura trovadoresca. Só foi redescoberta no século passado, com o achado dos Cancioneirosⁱⁱ.

Com o advento da autonomia, procurou-se padronizar o galego. Convocaram-se instituições que tratam da língua e, em 1982, a **Real Academia Galega** e o **Instituto de Lingua Galega** aprovaram e publicaram um documento conjunto que pretende unificar a ortografia e a morfologia, estando porém aberto a posteriores revisões ou acréscimos: *Normas ortográficas e morfológicas do idioma galego*.

Estas *Normas* propõem:

Unha lingua común asentada na fala, pero, depurada de castelanismos, supradialectal, enraizada na tradición, coherente e harmónica coas demais linguas de cultura, esixe:

1. excluí-lo diferencialismo radical porque, aínda querendo ser unha postura de defensa fronte ó castelán, manifesta de feito unha posición dependente e dominada con respecto a esta lingua. Han de excluírse, con maior razón, solucións diferencialistas que só sexan falsas analoxías e vulgarismos.

2. Excluír tamén a evasión cara a lingua medieval: formas definitivamente mortas e arcaicas non deben suplantarse outras vivas e galegas.

3. Valora-lo aporte do portugués peninsular e brasileiro, pero excluír solucións que, aínda sendo apropiadas para esa lingua, sexan contrarias á estrutura lingüística do galego. O punto de partida e de chegada en calquera escolla normativa ha de ser sempre o galego, que non debe sacrificarse as súas características propias e relevantes en beneficio da dunha lingua irmá, pero diferente.ⁱⁱⁱ

As *Normas* foram logo aceitas pela Xunta de Galicia^{iv} e são usadas em suas publicações oficiais e concursos, sendo a única modalidade válida para premiações e subvenções literárias; porém sua aprovação não foi unânime porque surgiram correntes discordantes que publicam seus trabalhos seguindo outros critérios normativos. Existem pelo menos duas grandes tendências: uma pretende

aproximar o galego ao castelhano, a outra - chamada reintegracionista ou lusista - pugna pela aproximação ao português. Dessa última tendência faziam parte dois grandes escritores e lingüistas há pouco falecidos: o português Manuel Rodrigues Lapa e o galego Ricardo Carballo Calero. Esta corrente é defendida pela **Associação Galega da Língua (AGAL)**. A ela pertencem alguns ilustres professores brasileiros.

O dilema do galego atual é saber se deve manter-se como língua independente, sem procurar vínculos com qualquer das grandes línguas vizinhas, ou aproximar-se a uma delas. É claro que uma língua isolada, com apenas uns três milhões de usuários, em um mundo cada vez mais internacionalizado, terá sua participação muito restrita. Por outro lado, a aproximação a uma das grandes vizinhas, far-lhe-á perder muitas de suas peculiaridades e de seu tesouro cultural. Não é fácil prever seu futuro, pois, além dos problemas estritamente lingüísticos, também não está livre de injunções políticas.

O galego de hoje ainda tem muita semelhança com o português, mas também apresenta bastantes diferenças. A seguir apresentamos algumas das mais significativas:

2.1. OS DIALETOS DO GALEGO

O galego apresenta em seu domínio diversos dialetos, embora não dificultem a comunicação. A maior parte deles refere-se a alguns traços fonéticos e /ou morfológicos ou a algum item lexical. Atualmente existem excelentes estudos sobre a dialetologia galega. Entre esses estudiosos devemos mencionar Zamora Vicente e Francisco Fernández Rei. Há pouco foi elaborado o ALGa (Atlas Lingüístico Galego)^v.

2.2. O DOMÍNIO DO GALEGO

O galego é a língua oficial da Comunidade Autónoma da Galiza, no Estado Espanhol. É também falado em algumas áreas fronteiriças de Astúrias, Leão e Zamora. Existem dificuldades para estabelecer as fronteiras do galego, tanto no do Estado Espanhol como na de Portugal. O português minhoto e transmontano e o leonês contêm elementos comuns ao galego que dificultam o estabelecimento de uma fronteira lingüística.^{vi} A antiga Galécia dos romanos, depois reino suevo, ocupava uma área muito mais ampla do que a Galiza atual. Abrangia boa parte do norte de Portugal e parte do

território das atuais comunidades de Astúrias e Leão.

2.3. INFLUÊNCIA DO ESPANHOL

Em curtos períodos da de sua história a Galiza foi reino independente, mas depois da união dos reinos de Castela e Aragão permaneceu como uma região da Espanha, tendo o espanhol como língua oficial. Como vimos, o galego permaneceu como língua oral, mas mesmo esta sofreu e sofre influência da língua oficial. Esta influência exerce-se em todos os níveis, a ponto de muitos falantes do galego ignorar a origem do elemento lingüístico que empregam. Atualmente a mídia exerce influência muito maior, no entanto, com a autonomia e a consequente conscientização dos valores galegos, as elites passaram a interessar-se por sua língua, anteriormente tida como língua de camponeses e de gente de pouca cultura. Esse preconceito parece que está superado, porém muitos espanholismos já não poderão ser erradicados por estarem fortemente arraigados não só na fala como na própria literatura galega.

3. DIFERENÇAS ENTRE O GALEGO E O PORTUGUÊS

Assinalaremos apenas algumas das diferenças que nos pare-

cem mais marcantes.

3.1. FONÉTICA

Tratamos somente dos fonemas fonológicos recolhidos nas *Normas* e no *Diccionario Xerais*, embora existam outros fonemas dialetais.

3.1.1. FONEMAS VOCÁLICOS

O galego possui os mesmos fonemas vocálicos orais do português do Brasil: **a**, **e** (aberto e fechado), **i**, **o** (aberto e fechado) e **u**.

3.1.2. FONEMAS CONSONANTAIS

A maioria dos fonemas fonológicos consonantais galegos são iguais ou semelhantes aos do português. Vejamos, porém, os casos seguintes:

a) Falta no galego o fonema [v] do português. Existe a grafia, mas a realização fonética é igual a de [b]: *vaso* ['baso] (vaso), *caverna* [ka'berna] (caverna).

b) Falta no galego padrão o fonema alveolar fricativo sonoro [z]. Palavras representadas por [z] em português, realizam-se em galego por [s].

Ex.: Gal. *casa* ['kasa], port. *casa orfo*, *cidadáns*, *cataláns*, *irmá* (ou *irmán*), *irmás* (ou *irmáns*).

c) Falta no galego o fonema fricativo palatal sonoro [ʃ] do português: hoje ['oʃi]. Existe unicamente o palatal surdo [f]: *hoxe* ['ofe].

d) Existe no galego o fonema fricativo interdental surdo [q], ausente no português padrão: *cinco* ['qinko], *caza* (caça) ['kaqa].

e) O galego possui o fonema africado palatal surdo [ç], não pertencente ao português padrão. Representa-se graficamente por **ch**, grafia que no português representa o fonema [f] de chuva. No galego: *chave* ['çabe], *cachorro* ['kaçoro].

3.1.3. NASALIZAÇÃO

Não existe no galego padrão a nasalidade como traço distintivo. A consoante nasal de final de sílaba não nasaliza a vogal precedente. Assim: Gal. *campo* ['kampo] e port. ['kãpu]. Da mesma forma não existem no galego as terminações nasais em -ão, -ãos, -ões, -ães, -ã, -ãs do português (coração, condições, órfão, cidadãos, catalães, irmã, irmãs). Galego: *corazón*; *condicións*,

3.1.4. NUMERAL E PRONOMES FEMININOS GRAFADOS COM NH

O numeral feminino *unha* (uma) e os pronomes indefinidos *algunha*, (alguma) *ningunha* (nenhuma) e seus plurais têm em galego uma realização fonética peculiar. Esta realização fonética ainda é discutida, mas parece que ocorre uma prolação nasal da vogal anterior, seguida de leve pausa antes da pronúncia do **a** seguinte. Aproximadamente: *unha* (uma) ['u~.a]^{vii}.

3. 2. MORFOLOGIA

3.2.1. SUFIXOS

Os sufixos de origem erudita ou semi-erudita possuem a mesma forma no português. Aqui somente relacionamos alguns dos que apresentam forma diferente:

a) **-ble**: *amable*, *estable*, *preferible*

b) **-e** (do lat. **-inem**): *home*, *virxe*, *imaxe*; (do provençal **-atge** ou do francês **-age**): *homenaxe*, *viaxe*, *liñaxe*, todas femininas.

c) **-á**, fem. **-án** (do latim **-anu**) As formas populares apresentam três soluções: -ao, -án, -á: *irmão*, *irmán*, *irmá* (irmão). A forma feminina correspondente **-ana** só tem duas varian-

tes: **-á, -án:** *irmá, irmán* (irmã). Outros exemplos: *aldeán, aldeá* (aldeão, aldeã), *castelán, castelá* (castelhano, castelhana). A terminação latina **-ane** deu **-án** para o masculino e **-ana** para o feminino: *charlatán, charlatana* (charlatão, charlatona), *alemán, alemana* (alemão, alemã).

d) **-ón.** Fem. **-oa, -ona:** *ladrón, ladra, ladroa, ladrona*, *patrón, patroa, patrona* (patrão, patroa, patrona).

3.2.2. PERMANÊNCIA DOS HIATOS -eo, -ea

Em galego não se desfizeram estes hiatos por ditongação, como ocorreu em português: *correo, feos, asamblea, teas* (correio, feios, assembléia, teias).

3.2.3. PLURAL

a) Nomes terminados em **-n.** Acrescentam somente o **-s:** *can, cans* (cão, cães), *grandón, grandóns* (grandão, grandões) *nación, nacións* (nação, nações), *artesán, artesáns* (artesão, artesãos).

b) Nomes terminados em **-z.** Mudam o **-z** em **-c-** no plural: *luz, luces* (luzes), *veloz, veloces* (velozes).

c) Monossílabos terminados em **-l.** Permanece o **-l-** no plural: *el, eles*

(ele, eles), *ril, riles* (rim, rins), *vil, viles* (vil, vis).

3.2.4. VERBOS

Verbos regulares conjugam-se de forma muito semelhante ao português. Há porém diferenças fonéticas e/ou de nomenclatura. Apresentaremos apenas algumas peculiaridades:

a) A 2ª pessoa do plural mantém o **-d-** da desinência: *cantades, colledes, partides; andariades; collesedes, partades* (cantais, colheis, partis; andaréis; colhésséis; partais).

b) A 1ª e 2ª pessoas do plural recebem o acento tônico na desinência: *andabamos, andabades; colliamos, colliades; partiamos, partiades; collerades, partiredes; andasedes* (andávamos, andáveis; colhíamos, colhíeis; partíamos, partíeis; colhereis; partireis; andásseis).

c) A 2ª pessoa do singular do pretérito perfeito do Indicativo tem a desinência número-pessoal em **-ches:** *andaches, colliches, partiches* (andaste, colheste, partiste), enquanto na 2ª do plural do mesmo tempo e modo essa desinência é **-stes:** *andas-tes, collestes, partistes* (andastes, colhestes, partistes).

d) A 1ª pessoa do singular no pretérito perfeito do Indicativo da 2ª e 3ª

conjugações tem **-n** na desinência número-pessoal: *collín, partín* (colhi, parti).

3.3. SINTAXE

A sintaxe do galego coincide em sua quase totalidade com a do português. Uma diferença marcante é a ênclise dos pronomes ao futuro do presente e do pretérito do Indicativo: *encontrarse* (encontrar-se-á), *esperaríanos* (esperar-nos-ia).

3.4. ORTOGRAFIA

A ortografia do galego coincide geralmente com a do português. Observemos, no entanto, as seguintes diferenças:

a) Não existe em galego normativo a grafia **-ss-**, por existir apenas o fonema surdo, como vimos em 3.1.2.b). É representado graficamente por **s:** *paso* [‘paso], port. passo.

b) Tampouco existe a grafia **-ç-**: Neste caso o galego emprega o fonema [q]. Ver 3.1.2.d). Gal. *caza* [‘kaqa], port. caça; gal. *pazo* [‘paqo], port. paço.

c) Não existe em galego a grafia **j** (nem sua equivalente **ge, gi**) por só existir o fonema surdo da série, empregando-se sempre a grafia **x:** gal.

xullo ['fulo], port. julho; gal. *xente* ['fente], port. gente.

d) A grafia **ch** representa em galego outro fonema [ç], como vimos em 3.1.2.e). Gal. *chave* ['çave], port. chave; gal. *bicho* ['biço], port. bicho, portanto, existe a mesma grafia em galego, mas corresponde a outro fonema.

e) Os fonemas palatais, representados graficamente em português por **lh** e **nh**, grafam-se em galego, respectivamente, por **ll** e **ñ**, igual ao espanhol: gal., *muller*, *niño*; port., mulher, ninho. A realização fonética é equivalente em ambas as línguas.

f) A grafia **nh** do galego não corresponde foneticamente à equivalente do português. Em galego representa um fonema não existente em português, como vimos em 3.1.4. Gal., *unha* ['u ~.a], *algunhas* [al'gu~.as]. Port., uma, algumas.

g) As terminações latinas **-anu**, **-ane**, que deram **-ão**, **-ã** em português (irmão, irmã; irmãos, irmãs, órfão, órfã; Cristóvão; capitão, capitães; cidadão, cidadãos) apresenta outras realizações em galego, inclusive com variantes dialetais aceitas pelas *Normas*, porém as seguintes são as predominantes: **-án**, **-á** (para as oxítonas) e **-o**, **-a** (para as paroxítonas):

irmán, *irmá*, *irmáns*, *irmás*; *ancián*, *anciá*, *orfo*, *orfa*, *Cristovo*, *ciudadán*, *ciudadáns*, *ciudadá*, *ciudadás*.

As palavras terminadas em **-ón**, que admitem feminino, formam-no popularmente em **-oa** ou **-ona**: *ladrón*, *ladroa*, *ladrona*; *león*, *leoa*, *leona*.

Na grafia do galego não se emprega o sinal til ~, a não ser sobre o **n** para representar o fonema nasal palatal h: *baño* ['baho] (banho).

3.4.1. ACENTUAÇÃO GRÁFICA

A acentuação gráfica do galego normativo não corresponde, em grande parte, à do português. Aproxima-se mais do sistema do espanhol.

a) A acentuação das oxítonas ocorre em todas as vogais, ainda que sejam seguidas de **-n**, **-s** ou **-ns**: *mazá*, *alí*, *champú*, *ninguén*, *corazón*, *corazóns* *latíns*, *comúns*.

b) As vogais **i**, **u** tônicas em hiato se acentuam em todas as ocorrências, diferente do que ocorre em português: *María*, *túa*, *aínda*, *sabía*, *xuicio*, *baúl*. Por isso não se acentuam as paroxítonas seguidas de ditongo: *sabia* (sábua), *carie* (cárie), *consecuencia* (consequência).

3.4.2. TREMA

Usa-se o trema em galego quando se pronuncia o **u** átono das sílabas **güe**, **güi**: *lingüeta*, *lingüística*, *güianés*. Também se emprega na 1ª e 2ª pessoas do plural do imperfeito do Indicativo dos verbos terminados em **-aer**, **-oer** e **-oír**: *traíamos*, *traíades*, de *traer* (trazer). Não existe trema em galego nas sílabas **que**, **qui**, porque o **u** não se pronuncia nesses casos

3.4.3. HÍFEN

a) Não se emprega hífen em galego com as formas dos pronomes enclíticos, como ocorre em português: *fixéchelo* (fizeste-o), *tódolos* (todos os), *déuchenolo*^{viii} (deu-no-lo).

b) O galego coloca o pronome enclítico aos futuros do presente e do pretérito do Indicativo, por isso, como podemos ver na sintaxe, dispensando o emprego do hífen: *fareino* (fá-lo-ei), *queixaríanse* (queixar-se-iam).

c) As palavras compostas por dois elementos que conservam sua sílaba tônica, ligam-se com hífen: *épico-lírico*, *socio-económico*, porém, quando os dois elementos funcionam como um todo, não se separam: *tic-tac* (tique-taque), *iberorrománico* (ibero-românico).

d) Em galego, o artigo que vem depois do verbo liga-se foneticamente a este e não a seu substantivo correspondente, por isso é separado do verbo por hífen: *canta-la canción* (cantar a canção), *elixa-lo alcalde* (elegir o alcaide ou prefeito).

3.5. LÉXICO

O léxico do galego procede das mesmas fontes do português: latim vulgar, elementos pré-romanos e árabes.

a) Permanecem no galego alguns vocábulos que se arcaizaram no português: *polo, pola* (contr.), (pelo, pela).

b) Também penetraram no galego latinismos assim como termos eruditos e semi-eruditos, geralmente através do espanhol, porém adaptados às características da língua: *desideratum, filoloxía, tecnócrata, xenealoxía* (desiderato, filologia, tecnocrata, genealogia).

c) O galego também acolheu estrangeirismos, semelhante às demais línguas de cultura: *futbol, cóctel, champãña* (futebol, coquetel, champagne).

d) Os termos designativos de parentesco em galego são: *pai, nai, irmao* ou *irmán*^{ix} (masc.), *irmá* (fem.), *fillo, filla, neto, neta, avó, avoa, tío,*

tía, sobriño, sobriña, curmán (primo irmão, masc. e fem.), *primo, prima, fillastro* (enteado). Os parentes pelo casamento denominam-se como em português: *xenro, nora, sogro, sogra, cuñado, cuñada, concuñado, concuñada*.

e) Ainda relacionado à família encontramos *vinculeiro, vinculeira* (filho ou filha que recebe a herança não divisível ou vinculada à casa paterna, morgado). Também relacionado com pessoas temos *nenos, nena, nenos, nenas* (crianças pequenas, meninos, meninas), *rapaz, rapaza, rapazes, rapazas* (garoto, garota, garotos, garotas).

f) Dias da semana: *luns* (segunda), *martes* (terça), *mércores* (quarta), *xoves*, (quinta), *venres* (sexta), *sábado e domingo*.

g) Meses: *xaneiro, febreiro, marzo, abril, maio, xuño, xullo, agosto, setembro, outubro, novembro, decembro*.

h) Estações do ano: *primavera, verán, outono e inverno*.

i) Numerais: 1 *un, unha*^x, 2 *dous, duas*, 3 *tres*, 4 *catro*, 5 *cinco*, 6 *seis*, 7 *sete*, 8 *oito*, 9 *nove*, 10 *dez*, 11 *once*, 12 *doce*, 13 *trece*, 14 *catorce*, 15

quinze, 16 *dezaseis*, 17 *dezasete*, 18 *dezaoto*, 19 *dezanove*, 20 *vinte*.

4. CONCLUSÃO

O galego é uma língua neolatina irmão do português. No início era uma única língua, separando-se bastante tempo depois da independência de Portugal. O galego deixou de ser cultivado literariamente durante vários séculos, permanecendo quase exclusivamente como língua oral. No século XIX, o galego voltou a ser usado na literatura. Recentemente foi padronizado e adquiriu o *status* de língua oficial da Comunidade Autónoma da Galiza. Atualmente está sendo intensificado o seu uso em todos os setores da Comunidade, inclusive no meios de comunicação. Seu cultivo literário é intenso e aborda todos os gêneros.

Apesar da padronização ter sido adotada oficialmente pela Xunta de Galicia (governo da Comunidade Autónoma), ainda existem na Galiza correntes que divergem quanto aos destinos que deve seguir o galego. Alguns opinam que deve reintegrar-se, ou seja, aproximar-se o mais possível ao português, outros alegam que já se afastou muito e que não se pode combater a grande influência do espanhol.

O galego é a língua mais próxima ao português, porém é fácil observar muitas diferenças entre ambas. Essas diferenças encontram-se na fonética, na morfologia, na sintaxe, na ortografia e no léxico.

Vimos acima algumas dessas diferenças, mas não são as únicas. No espaço de que dispomos não poderíamos fazer uma comparação mais profunda. Um galego e um português, falando cada um sua língua, poderiam entender-se, mas não sem bastante dificuldade. O mesmo aconteceria diante de um texto. Para uma boa compreensão é necessário algum estudo, porém muito menos do que para qualquer outra língua, haja vista o grande número de emigrantes galegos no Brasil, os quais não têm, já desde o início, grande dificuldade de compreensão.

5. RECAPITULAÇÕES SUMÁRIAS

5.1. RESUMO

O galego e o português foram em seu começo uma só língua. Durante vários séculos, o galego permaneceu apenas como língua oral porque a língua oficial era o castelhano. No século XIX houve um movimento para valorizar o galego e, desde então, passou a ser usado

também como língua escrita. Depois da autonomia da Comunidade Autónoma da Galiza, a Constituição do Estado Espanhol permite o uso do galego como língua oficial, ao par do espanhol. Foi padronizado e agora tem largo uso na Galiza. O galego atual é a língua mais próxima ao português, porém, entre elas, há bastantes diferenças. Ainda existem discordâncias quanto ao futuro do galego. Alguns preferem que ele se integre o mais possível no português. Há quem procure outras soluções, mas a Xunta de Galicia adotou as *Normas* da padronização desde que foram publicadas, em 1982.

5.2. RESUMO (GALEGO)

O galego e o português foron no seu comezo unha soa lingua. Durante varios séculos, o galego permaneceu soamente como lingua oral porque a lingua oficial era o castelán. No século XIX houbo un movemento para valorar o galego e, dende entón, pasou a ser usado tamén na lingua escrita. Despois da autonomía da Comunidade Autónoma de Galicia, a Constitución do Estado Español permite o uso do galego como lingua oficial, ó par do español. Foi normativado e agora ten largo uso en Galicia. O galego actual é a lingua mais próxima ó portugués,

pero, entre elas, hai bastantes diferencias. Aínda existen discordancias con respecto ó futuro do galego. Algúns preferen que el se integre o mais posible no portugués. Hai quen procure outras solucións, mas a Xunta de Galicia adoptou as *Normas* da normativización dende que foron publicadas, en 1982.

5.3. ABSTRACT

Galician and Portuguese were at their beginning an unique language. For several years, Galician has remained only as an oral language because the official language was Castilian. In the 19th century there was a movement in order to valorize the Galician language. and, since then, it also passed to be used in written language. After the autonomy of the Autonomous Community of Galicia, the constitution of The Spanish State permits the usage of Galician as an official language, on a par with Spanish. It was standardized and now is has a large usage in Galicia. The nowadays Galician is the language closest to Portuguese, but between them, there are many differences. There are still discordances related to the future of Galician. There are those who search

other solutions, but the **Xunta de Galicia** has adopted the *Normas*, of the standardization since they were published, in 1982.

6. BIBLIOGRAFIA

DICIONÁRIO AURÉLIO Eletrônico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [1994].

DICCIONARIO XERAIS da lingua. 4ª ed. corrix. e actualizada. Vigo: Xerais, 1993.

FERNÁNDEZ REI, Francisco. *Dialectoloxía da lingua galega*. Vigo: Xerais, 1990.

LAPA, M[anuel] Rodrigues. *Lições de literatura portuguesa: época medieval*. 3ª ed. rev. e acresc. Coimbra: Coimbra Editora, 1952.

NORMAS ORTOGRÁFICAS E MORFOLÓXICAS do idioma galego. Santiago de Compostela: Instituto da Lingua Galega/Real Academia Galega, 1982.

7. NOTAS

i. LAPA, M. Rodrigues, *Lições*, p. 99.

ii. Cancioneiro da Ajuda, da Vaticana e da Biblioteca Nacional.

iii. *Normas*, p. 8.

iv. 1982.

v. 1974-76.

vi. FERNÁNDEZ REI, F. *Dialectoloxía*, p. 18-38.

vii. *Normas*, p. 15.

viii. *che* (te), dativo ético, muito comum no galego.

ix. Há dialetos onde *irmán* é a forma masc. e a fem.

x. Ver 3.1.4

ESTRUTURA FÔNICA DO PROVÉRPIO PORTUGUÊS

Maria Lúcia Mexias Simon

Mestra e Doutora em Lingüística e Filologia Românica, UFRJ. Titular de Língua Portuguesa e Chefe do Departamento de Letras das Faculdades Integradas Severino Sombra

1. INTRODUÇÃO

Provérbios existem em quase todas as línguas naturais. Pode-se definí-los como "expressões constituídas pela união de várias palavras, formando unidade sintática e lexicológica"¹. Estão à margem do uso normal da língua por suas características de forma e som, pelo afastamento das normas lexicais e gramaticais e por seus valores

metafóricos particulares. O aspecto arcaizado, na construção e no léxico, constitui exatamente o seu aval. O povo neles acredita, pois são assim repetidos há várias gerações.

No presente estudo, abordaremos a estrutura fônica, o significante, das chamadas expressões populares. Inicialmente mostraremos possuírem tais expressões uma entonação própria somada à linha melódica presente às sentenças de qualquer lí-

gua. A seguir, delinearemos suas características de ritmo, métrica e rima, como pequenos poemas que são. Quanto à estrofação, mostraremos ser a estrutura binária, o dístico, a mais comum, com algumas exceções.

Os exemplos aqui apresentados foram extraídos das coletâneas mencionadas na bibliografia, onde são, em geral, indexados pelos substantivos que neles aparecem, com evi-

dente valor metafórico. Por exemplo, no verbete *peixe*, pode-se encontrar: *pela boca morre o peixe, filho de peixe peixinho é* etc.

2. DESENVOLVIMENTO

Os provérbios distinguem-se facilmente na cadeia sintagmática pela mudança de entonação. Ocorre uma elevação da voz na introdução do provérbio, depois uma pausa para romper a linha de entonação e poder recomeçar em tom mais grave, para novamente ascender. Isso acontece também nas citações e no uso de locuções estrangeiras. Por outro lado, nessa mudança de entonação, exime-se o falante da responsabilidade sobre a possível veracidade do provérbio, deixando claro que se trata de uma opinião tomada de empréstimo. Podem ocorrer, também, fórmulas de introdução: como diz o outro, como dizia a minha avó, como diz a Madre Superiora etc. Mesmo não tendo o locutor conhecido sua avó, ou qualquer Madre Superiora, transfere-se simbolicamente, a autoria do provérbio a um ser distante, mais credenciado pela idade e pela experiência.

Com fórmulas de introdução, explícitas ou não, constitui o provérbio, segundo A. J. Greimasⁱⁱ, um mini-

texto e um discurso, podendo ser estudado isoladamente.

Como qualquer outra sentença, extrai o provérbio a sua significação e a sua condição de sentença não só do conjunto de monemasⁱⁱⁱ que o compõem, como também de uma linha prosódica, ou melódica, que o caracteriza pela

Asserção:

- tal pai, tal filho

- dinheiro emprestas-

te, inimigo ganhaste

- cão que ladra não

morde

- Deus dá nozes a

quem não tem dentes

Interrogação: (com resposta explícita ou não)

- Por que o diabo sabe muito? Porque é velho

- Cágado porque queres botas, se tens as pernas tortas?

- para que quer espelho quem nasceu cego?

Desejo:

- os anjos digam a-mém

- ande eu quente e

ria-se a gente

- cada um por si e

Deus por todos(faça ou esteja)

Ordem (em geral negativa):

- não procures chifre

de boi na cabeça do cavalo

- não ponha os ovos

no mesmo cesto

- ajuda-te e Deus te

ajudará

É a sonoridade agradável do provérbio fator essencial na sua difusão e sua memorização. Se a sonoridade é resultado do polimento dos anos e de muito uso, ou se já está no nascedouro das expressões, ainda não se pode comprovar, a não ser em alguns casos. Baseia-se essa sonoridade no ritmo, que, de acordo com E. Buysens^{iv}, consiste na alternância de dois fatos. No discurso, o ritmo é dado pela alternância de segmentos fortemente acentuados e segmentos fracamente acentuados. Tais segmentos são as chamadas sílabas ou pés (unidades rítmicas). Quanto à quantidade de sílabas, os provérbios variam muitíssimo, observando-se que as construções em seis e menos sílabas são em número superior às construções em sete e mais sílabas, já que a tendência predominante é de

o provérbio se comprimir com o passar do tempo. Os ditos mais longos encontram-se, em geral, nas coletâneas mais antigas.	- a mulher e a galinha, por andar se perde <u>asinha</u> (depressa)	- nem em mar tratar nem em muitos fiar (não fazer acordos em viagens marítimas que, provavelmente, não se manterão, quando em terra firme.
A rima é um aspecto importante, pois se usa com muita frequência para marcar a cesura. É geralmente pobre, rimando palavras da mesma categoria gramatical e, por vezes, imperfeita, com coincidência apenas parcial dos traços fônicos nos sons finais das palavras, ou correspondência entre uma vogal simples e um ditongo:	- palavras loucas, orelhas <u>moucas</u> (surdas)	- galo onde canta janta (o frade ia às cerimônias e aí lhe era dado de comer; galo por frade é deturpação).
	- não se muda de cavalo no meio do <u>banhado</u>	- do mal que fizeres, não tenhas <u>testigo</u> , ainda que seja <u>mui</u> teu amigo (testemunha; muito)
	- não há boda sem tornaboda	Acontece de as palavras serem reunidas mais pela rima e pela métrica que pelo nexos:
	Por vezes, a rima provém da pronúncia arcaica ou popular:	- não fazer de um argueiro um cavaleiro
- não há melhor espelho que amigo velho	- Santa <u>Marinha</u> , vai ver tua vinha(Marina)	- não confundir alhos com bugalhos ^v
- amor, amor, princípio mau e fim pior	- ao minguar a lua, não comeces coisa algu'a (lua; alguma)	- ave por ave, o carneiro se voasse.
- não queiras potro nem mulher doutro	- pescador da cana mais come que <u>gana</u> (ganha)	A rima pode ser formada com a mesma palavra:
- não o louves sem que o proves	Fazem-se referências a costumes e valores não mais adotados, mantidos pela eufonia do significante:	- o que é demais é demais
- quem se excusa, se acusa	- à boda de ferreiro, cada um com seu dinheiro (hábito de	- guerra é guerra
- quem tem filhos tem cadilhos, quem não os tem, cadilhos tem.	- os convidados presenteariam aos nubentes em dinheiro)	ou por homônimos:
Para manter a rima e/ou o ritmo é comum conservar-se o arcaísmo lexical:	- quem poupa seu mouro, poupa seu ouro (referência à escravidão de árabes por cristãos)	- quem casa quer casa.
		As elisões como espr'ença, c'a, p'lo, observam-se, frequentemente, em função da métrica, mas, em geral,

não se registram na modalidade escrita.

Além do ritmo, da métrica e da rima, a eufonia pode ser também reforçada pela aliteração:

- onde há fumo há fogo

- quem com ferro fere, com ferro será ferido

- cesteiro que faz um cesto, faz um cento

Tendo os provérbios as características de um pequeno poema, o número de versos que o compõem é muito diversificado, indo do dístico monoléxico:

- tradutor/ traidor,

ao quarteto bissilábico:

- mais vale/ calar/ que mal/ falar, até o alexandrino isolado:

- por debaixo dos pés se levantam trabalhos.

A maioria dos provérbios, observados nas coletâneas mencionadas, apresentam-se em estrutura binária, em forma de dístico, realçada pelo ritmo, pela rima, pela aliteração e até pela repetição do mesmo elemento léxico. Os ditos populares, especialmente os rimados, compõem-se,

então, de uma dupla de versos, iguais ou não em número de sílabas, mas com certa cadência que os caracteriza e facilita-lhes a memorização.

A. J. Greimas^{vi} menciona a estrutura binária como significante de um mundo acabado, equilibrado, em repouso, como o querem os provérbios, sendo ao mesmo tempo clara e fechada. Seria, assim, a estrutura binária mais afeita a um espírito clássico, impassível e a estrutura ternária, a um espírito mutante inovador. “Os sentidos do tato e do gosto não tem nenhum efeito ético e o da vista muito pouco, a melodia exprime um ethos”^{vii}.

Além dos recursos mencionados, a estrutura binária pode ser realçada pela repetição de palavras no início dos versos:

- Deus dá, Deus tira

- quem tudo quer,

tudo perde

- tal pai, tal filho

- maior o coqueiro,

maior o tombo do coco

É comum que o provérbio seja modificado, ampliado, ou comprimido em favor da composição de um dístico.

As formas antiquadas apresentam versão moderna:

- pão comeste, companhia desfeita, atualmente: comida feita, companhia desfeita

- quem caminha por atalhos nunca sai de sobressaltos, atualmente: a quem caminha por atalhos não faltam trabalhos

- onde há muito riso, há pouco siso, atualmente: muito riso, pouco siso cada terra com seu uso^{viii}, atualmente: cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso.

Por essas observações, somos levados a crer que a forma fônica comanda a escolha da metáfora. Dominam a eufonia, a harmonia do ritmo e da rima. O uso de nomes próprios, quer locativos, quer personativos, só pode ser justificado pela sonoridade:

- antes que jantes, não passes de Abrantes

- quem tem boca vai a Roma

- bem canta Marta depois de farta

- tal é Maria, tal filha cria

Toma-se como provérbio qualquer expressão de uso corrente numa comunidade, que soe bem e que passe

uma receita de comportamento, embora os elementos que a compõem não sejam explicáveis, ao menos sincronicamente:

- lé com lé, cré com cré.

Admite-se, por outro lado, que muitos provérbios foram alterados pelos copistas, habituados a escrever em versos ou desejosos de achar uma forma que pudesse ser facilmente retida. O mesmo acontece com outras expressões petrificadas: adivinhas, réplicas, parlendas, alcunhas, comparações. Assim os provérbios rimados e/ou ritmados podem ser, formas secundárias, isto é, remanescentes ou desenvolvidas de provérbios desprovidos de rima e de ritmo.

3. CONCLUSÃO

Sendo o provérbio um tipo específico de texto, podemos considerar suas propriedades estruturais nos vários níveis de descrição linguística. Na descrição fonética - objeto do presente estudo - observamos, primeiramente, destacar-se o provérbio na linha melódica do discurso que o envolve, pelo seu contorno entonacional. O locutor tem consciência e quer chamar a atenção para o fato de que não é ele que fala, mas que está apenas citando. Essa

função de citação está ligada ao caráter metalingüístico do provérbio: o que é alheio, o que se diz em língua estrangeira, é evidenciado, pela entonação, no texto, como num meta-nível^{ix}.

Consideramos, ainda, em nosso estudo, a presença de uma certa regularidade de ritmo (secundada pela rima e pela aliteração) como suporte às propriedades mnemônicas do provérbio e como razões de eufonia, que justificam particularidades como elisões, ordem inversa, arcaísmo e uso de nomes próprios.

Com o presente levantamento de dados, apresentamos uma contribuição à descrição sistemática dos provérbios, podendo ainda fornecer subsídios para o estudo de outros estereótipos lingüísticos do domínio de uma coletividade.

4. RECAPITULAÇÕES SUMÁRIAS

4.1. RESUMO

Descrição de expressões proverbiais em língua portuguesa quanto aos seus aspectos de entonação, ritmo, métrica, rima e estrofação, recursos que lhes garantem divulgação e memorização.

4.2. RESUMEN

Descripción de expresiones proverbiales en lengua portuguesa quanto sus aspectos de entonación, ritmo, métrica, rima y estrofação recursos que les garantizan la divulgación y la memorización.

5. BIBLIOGRAFIA

BATALHA, Ladislau. *História geral dos adágios portugueses*. Paris/Lisboa: Aillaud e Bertrand, 1984.

BUYSENS, Eric. *Semiologia e comunicação lingüística*. Tradução, apresentação e notas de Isidoro Blikstein, 3ª ed., S. Paulo: Cultrix, /s.d./.

CUNHA, Alfredo Carneiro da. *Ditames e ditérios: glosas em versos de ditados ou dizeres comuns*. Lisboa: Empr. Nac. de Publicidade, 1929.

GOTTSCHALK, Walter. *Die bildhaften Sprichwörter der Romanen*. Heidelberg: Carl Winters Universitätsbuchhandlung, 1935-1938.

GREIMAS, Algirdas Julien. "Idiotismes, proverbes et dictons". In: *Cahiers de lexicologie*. 2: 41-62.

_____. "Os provérbios e os ditados". In: *Sobre o sentido, en-*

- saios semióticos*. Tradução de Ana Cristina Cruz et alii. Petrópolis: Vozes, 1975.
- HUIZINGA, Johan. *Homo ludens*. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- MAGALHÃES Jr., Raimundo. *Dicionário brasileiro de provérbios, locuções e ditos curiosos*. Rio de Janeiro: Documentário, 1977.
- MELLO, Fernando Ribeiro de. *Nova recolha de provérbios e outros lugares comuns portugueses*. Lisboa: Afrodite, 1974.
- MOTA, Leonardo. *Adagiário brasileiro*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará/Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.
- POTTIER, Bernard. *Les dictionnaires du savoir modernes*. Paris: Centre d'Étude et de Promotion de la Lecture, 1973.
- RIBEIRO, João. *Frases feitas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1960.
- SCHMIDT-RADEFELDT, Jürgen. "Descrição semântica e funções semantófóricas do provérbio". In: *Estudos de lingüística portuguesa*. 1: 213-235.
- _____. "Structure argumentative, reference et contextualité du proverbe". In: *Stylistique, rhétorique et poétique dans les langues romanes*. Actes du XVII Congrès Internationale de Linguistique et Philologie Romanes. Aix-en-Provence, 1983: 88-102.
- SILVA, Helena Maria Quintão Duarte e QUINTÃO, José Luís. *Pequeno dicionário de provérbios*. Lisboa: Moraes Editores, 1983.
- SIMON, Maria Lucia Mexias. "Para uma estrutura dos provérbios nas línguas românicas". Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Rio de Janeiro, 1989. Inédita.
- STEINBERG, Martha. *1001 provérbios em contraste*. S. Paulo: Ática, 1985.
6. NOTAS
- i. GUIRAUD, P., (1962), p. 5.
- ii. GREIMAS, A. J., (1975), p. 288.
- iii. Ao falarmos em monema, temos em vista a terminologia de A. Martinet: "unidade significativa de primeira articulação, comportando uma significação e uma forma fônica." In: POTTIER, B., (1973) p. 331.
- iv. BUYSENS, E., /s.d./, p.120.
- v. Alhar tem o mesmo significado de confundir, baralhar. Veja-se o exemplo - a contas velhas, baralhas novas - cobrar contas antigas é reiniciar brigas. In: RIBEIRO, J., (1960) p. 161.
- vi. GREIMAS, A. J., (1960) p. 41-62.
- vii. HUIZINGA, J., (1980) p. 181.
- viii. Encontram-se na coletânea do Pe. Antônio Delicado. In: RIBEIRO, J., (1960) p. 386-389.
- ix. SCHMIDT-RADEFELDT, J., (1984) p. 214-215.

1. A *Revista Philologus* do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos (CiFEFiL) tem por finalidade básica a publicação de trabalhos nas áreas de Filologia e Linguística. Devem os mesmos, de preferência, pertencer a autores filiados ao CiFEFiL: esta filiação se dá por meio da aceitação, por parte dos interessados, dos estatutos do Círculo, bem como pela aprovação dos trabalhos, julgados de valor, pela Equipe de Apoio Editorial (EAE) e pelo pagamento de uma taxa mínima de adesão, de acordo com os estatutos do Círculo. Outrosim, são aceitas contribuições e intercâmbios externos segundo julgamento da EAE, supramencionada, e pagamento da referida taxa;

2. Os artigos, que forem apresentados, podem ser inéditos ou não e de responsabilidade do(s) autor(es), sendo seus originais apreciados e avaliados pela Equipe de Apoio Editorial;

3. Cabe à EAE a revisão, para publicação, dos trabalhos aceitos, e eventuais modificações no texto que serão apresentadas ao(s) autor(es);

4. Não cabe ao CiFEFiL a exclusividade de publicação dos artigos, em conformidade, portanto, com o item 2., *supra*;

5. Cada trabalho apresentado ao CiFEFiL deve seguir estas normas:

5.1. os originais devem estar datilografados em papel ofício branco A-4 (210 x 297 mm), espaço duplo, margens de 3 cm nos quatro lados - com excepcional tolerância de 1,5 cm na margem direita da folha -, e, com o mínimo de 10 e máximo de 25 folhas batidas e revisadas;

5.2 na folha de rosto do trabalho devem constar:

- título do artigo;

- nome(s) do(s) autor(es);

- breve *curriculum* do(s) autor(es), enfocando as atividades mais ligadas ao artigo;

- resumo informativo em português e em inglês com, no máximo, 150 palavras, em coluna dupla e redigido segundo a NBR-88 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT);

5.3. a composição do texto deverá conter a seqüência: *Introdução, Desenvolvimento, Conclusão*, ou, obedecer o sistema de numeração progressiva da NBR-69;

5.4. as notas não-bibliográficas devem ser resumidas e colocadas, após

entrada no texto através de letra ou número, no pé de cada página;

5.5. as notas bibliográficas devem ser transcritas, logo após a *Conclusão* e em ordem alfabética, de acordo com a NBR-6023;

5.6. as citações, formal (transcrição) ou conceptual (paráfrase), devem ter, obrigatoriamente, a identificação completa das fontes. Esta identificação deve estar localizada nas notas bibliográficas e segundo o item 5.5, *supra*;

5.7. a bibliografia deve ser colocada após as notas bibliográficas ou, na falta destas, depois da *Conclusão*, e, se o(s) autor(es) julgar(em) importante sua inclusão como parte informativa da temática global do artigo;

5.8. as ilustrações, tabelas e gráficos devem ser enviados em original e cópia no tamanho A4 com respectivas legendas, indicações no texto do lugar de seu aparecimento e numeração de páginas;

5.9. não serão aceitas fotografias de nenhum tipo.

6. Esta Revista, pelo menos e excepcionalmente em seus primeiros números, terá a sua composição executada em computador através do programa editor

de textos Word for Windows, versão

6.0. Em vista disso, o constante do item

5.8. *supra*, e de acordo com suas quali-

dades de reprodução, será inserido na

Revista através de xerocópias. ◆